

9 MIL MORTOS EM GAZA

**Sem autoridade, a ONU
fracassa no Oriente
Médio, enquanto o
mundo assiste ao
massacre de crianças
e mulheres**

Olimpio

focus
BRASIL

Fundação Perseu Abramo 6 de Novembro de 2023 Nº 120

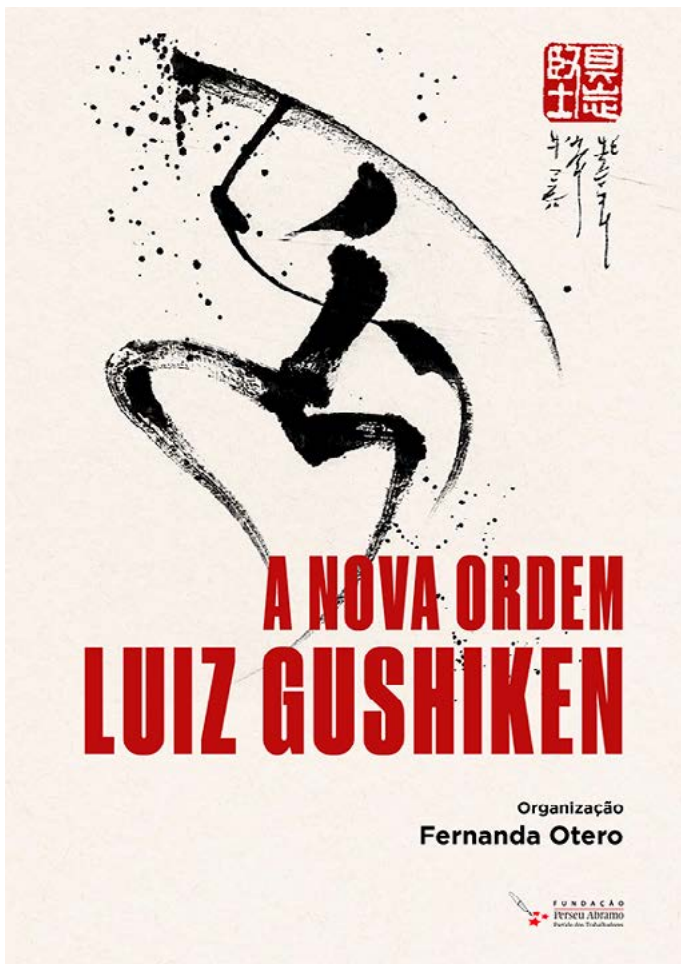
Lula pressiona por liberação de brasileiros que estão em Gaza

Com Lula, desemprego cai a 7,7%, a menor taxa desde 2014

TSE condena novamente o ex-presidente por uso da máquina

Sergio Massa joga para vencer o 'Bolsonaro da Argentina'

Os Beatles lançam 'Now and Then', inédita de John Lennon



focus
BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: Pedro Camarão

Produção: Oficina da Notícia

Colaboradores: Bia Abramo, Fernanda Estima,

Fernanda Otero, Guto Alves,

Isaías Dalle, Nathalie Nascimento,

Olímpio Cruz Neto e Paulo Chagas



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Paulo Okamoto

Vice-presidenta: Vivian Farias

Diretoras: Elen Coutinho e Naiara Raiol

Diretores: Alberto Cantalice, Artur Henrique da Silva

Santos, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar,

Valter Pomar e Virgílio Guimarães

CONSELHO CURADOR

Presidenta: Eleonora Menicucci

Conselheiros: Ana Carolina Moura Melo Dartora, Ana Maria

de Carvalho Fontenele, Arthur Chioro, Azilton Ferreira

Viana, Camila Vieira dos Santos, Celso Luiz Nunes Amorim,

Dilson de Moura Peixoto Filho, Eliane Aquino Custódio,

Elisa Guaraná de Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque,

Everaldo de Oliveira Andrade, Fernando Damata Pimentel,

Fernando Dantas Ferro, Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada

Lopes, José Roberto Paludo, José Zunga Alves de Lima,

Laís Wendel Abramo, Luciano Cartaxo Pires de Sá, Luiza

Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de Moura, Nabil Georges

Bonduki, Nilma Lino Gomes, Paulo Gabriel Soledade Nacif,

Sandra Maria Sales Fagundes, Sergio Nobre, Tereza Helena

Gabrielli Barreto, Vladimir de Paula Brito.

SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário),

Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia

e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves

das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França

Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas

(Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane

Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de Melo

(Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer), Janaína

Barbosa de Oliveira (LGBT), Anne Moura (Mulheres),

Nádia Garcia (Juventude) Nilto Ignacio Tatto (Meio

Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares

Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência),

Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e

Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana

São Paulo (SP) - CEP 04117-091

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338

**CONTRIBUA COM A REVISTA
REVISTA RECONEXÃO PERIFÉRIAS**

Convidamos ativistas, coletivos e movimentos para contribuir com a Revista Reconexão Periféricas de fevereiro.

O tema do mês será sobre as ruas, como espaços de disputa, defesa da democracia e também alegria, nas festas populares do carnaval. **Textos, artigos, fotos, ilustrações, poemas e toda forma de expressão que possa estar consolidada na Revista são bem vindos!**

Envie um e-mail para estudosperiferias@gmail.com para maiores informações.

SERÁ MUITO LEGAL TER A PARTICIPAÇÃO DE VOCÊS!

FUNDAÇÃO Perseu Abramo Partido dos Trabalhadores

REVISTA RECONEXÃO PERIFÉRIAS



A TRAGÉDIA EM GAZA: MAIS DE 9.500 MORTOS

A crise humanitária se aprofunda na Terra Santa, com os bombardeios incessantes do governo israelense em Gaza e confrontos na Cisjordânia, em resposta aos ataques do Hamas ocorridos em 7 de outubro. Mesmo diante da pressão do governo dos Estados Unidos, Benjamin Netanyahu ignora os apelos de cessar-fogo

Página 12

ENTREVISTA. Presidente do IBGE, Márcio Pochmann fala sobre a conjuntura nacional

Página 6

PROXIMIDADE. Cid revela que Bolsonaro ia esconder investigados no Alvorada

Página 21

ARGENTINA. Sérgio Massa mobiliza centro e esquerda contra Milei

Página 28

GUERRA. Itamaraty insiste na liberação dos brasileiros que estão ainda em Gaza

Página 17

DECRETO. Lula edita norma para voltar a cobrar impostos sobre armas

Página 22

CULTURA. O país perde Danilo Miranda, um grande agitador das artes no país

Páginas 34

GAZA. Coordenação do Núcleo Evangélico do PT trata dos riscos da escalada

Página 18

ARTIGO. Zeca Dirceu elogia proposta do novo ensino médio do governo

Página 23

HOLLYWOOD. O mundo lamenta a morte do ator Matthew Perry, de *Friends*

Páginas 36

POLÍTICA. TSE volta a decidir pela inelegibilidade de Bolsonaro por campanha

Página 20

ECONOMIA. Desemprego cai a 7,7%, desempenho próximo ao ano de 2014

Página 24

MÚSICA. A última canção dos Beatles é uma grande homenagem aos fãs

Páginas 38

MASSACRE EM GAZA E A HISTÓRIA

Alberto Cantalice

O filósofo alemão G.W.F. Hegel, em seu livro *Ciência da Lógica* escreveu: “A história se repete ao menos duas vezes”. No que o seu discípulo na juventude Karl Marx completou: “A primeira como tragédia, a segunda como farsa”. Essa introdução recolhida dos considerados “pais da dialética”, é para tentar demonstrar que a tragédia que ora ocorre no Oriente-Médio-com o epicentro na Faixa de Gaza- é a repetição de uma história sem fim.

Desde 1948, quando do estabelecimento do Estado de Israel, os conflitos naquela região são uma constante.

A guerra dos seis dias em 1967 e a guerra de 1973 vencidas na ocasião por Israel, levou a ocupação de grandes faixas de terras ao longo das Colinas de Golã, pertencentes então a Síria,

a faixa do Deserto do Sinai pertencente ao Egito e a Cisjordânia pertencente a Jordânia. O povo palestino ao final desses conflitos entrou em diáspora e os milhões que ficaram ocuparam a região da Faixa de Gaza.

Vários acordos internacionais foram protagonizados para que se reconhecesse o estabelecimento dos dois Estados Israel e Palestina. O principal deles, o Acordo de Oslo firmados por Yasser Arafat, por parte da OLP e Yitzhak Rabin e Shimon Peres, e que, por isso, receberam o Prêmio Nobel da Paz em 1994.

A partir daí se constituiu a Autoridade Nacional Palestina, liderada então por Arafat e cuja sede se encontra em Ramallah, na Cisjordânia.

Entretanto, parte dos extremistas de direita liderados por Benjamin Netanyahu sempre se opuseram aos acordos. Sua ascensão ao governo de Tel Aviv foi o período em que mais se pro-

moveram as ocupações irregulares nos territórios que, fruto dos acordos, passaram ao controle da Autoridade Palestina. Principalmente na Faixa e Gaza, onde Israel promove uma espécie de confinamento à céu aberto dos palestinos.

O ataque do Hamas aos civis israelenses foi o estopim para essa retaliação em escalada promovida por Israel na Faixa de Gaza atingindo alvos civis-principalmente crianças.

Parte considerável da população israelense começa a se movimentar por um cessar-fogo e a imediata recuperação dos reféns nas mãos do Hamas. Essa movimentação coloca uma pressão sem precedentes sobre a extrema-direita israelense e pode abrir uma janela para que a comunidade internacional exija o cumprimento dos acordos de paz.

Só a ação política poderá pôr fim ao conflito. Não há outro caminho! •

SOBERANIA DE DADOS: O FUTURO DO IBGE DE POCHMANN

Marcio Pochmann assumiu a presidência do IBGE em agosto deste ano. Em entrevista à Focus, falou sobre concurso, modernização e futuro.

Fernanda Otero e Guto Alves

Marcio Pochmann mal assumiu a presidência do IBGE e já tem muito a apresentar com relação ao futuro da prestigiada instituição que, como tem sido praxe descobrir, passou por intenso processo de desmonte no governo anterior. Pochmann foi empossado como presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em agosto deste ano durante cerimônia em Brasília. Na esteira das preocupações, trazer a instituição ao Século 21, com um sistema integrado de soberania de dados, é sua prioridade. “É o que guia a política pública, esse sistema integrado. Um grande desafio do ponto de vista da gestão governamental e das políticas públicas”.

Pochmann explica que o projeto partiu de experiências anteriores, como sua integração ao

instituto Lula. “A experiência que tivemos por três anos à frente do Instituto Lula foi muito importante, na medida em que nos debruçamos sobre a temática da era digital, das desigualdades que a digitalização da economia e da sociedade produzem”. O projeto de integração de dados tem o apoio do presidente Lula, e o IBGE já iniciou diálogo com as três instâncias do Poder do país para viabilizá-lo.

O presidente do IBGE falou ainda sobre as expectativas de ampliar o quadro de funcionários do Instituto, além da recuperação de perdas salariais promovidas pela gestão de Bolsonaro. “O IBGE vai fazer o seu maior concurso da história em termos quantitativos, e optou inclusive por fazer parte de um concurso unificado nacional que o governo federal com o Ministério de Gestão e Inovação está realizando”, adiantou.

Pochmann é economista e foi

professor do Instituto de Economia da Unicamp, a Universidade de Campinas até 2020. Publicou mais de cinquenta livros sobre economia, desenvolvimento e políticas públicas. Na vida pública, foi Secretário Municipal do Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade durante o governo da prefeita Marta Suplicy em São Paulo, presidiu o Ipea, Instituto de Pesquisa econômica Aplicada de 2007 a 2012 e a Fundação Perseu Abramo de 2012 a 2020. Na entrevista, manifestou o desejo de que o campo progressista consiga discutir um projeto de futuro. “É preciso motivar a sociedade em torno de uma utopia”.

Focus Brasil - Como foram esses meses iniciais de trabalho à frente do IBGE?

Marcio Pochmann - O IBGE é uma instituição que está próxima de completar 90 anos. Infelizmente



o nosso Brasil não tem a cultura de instituições tão longevas, e justamente dentro desta perspectiva que nós abrimos inicialmente uma série de diálogos que visa constituir as diretrizes programáticas desta instituição até 2026, quando o IBGE completará 90 anos. Estamos nesta fase de diálogos internos, que visam melhor compreender a instituição, dando oportunidade para todos os colegas. O IBGE tem cerca de 11 mil servidores. Quatro mil servidores fazem parte do quadro permanente e cerca de sete mil colegas que fazem parte do quadro temporário. Além disso, é uma instituição cuja sede se encontra no Rio de Janeiro desde a sua fundação em 1936, mas possui superintendências em todos os estados da federação, além de 562 unidades que operam o trabalho de coleta de pesquisa da instituição em municípios brasileiros. É uma instituição de representação nacional. Eu diria que se encontra entre as me-

2023 É UM ANO IMPORTANTÍSSIMO. REPRESENTA A RETOMADA DE CONCURSO - E O IBGE VAI FAZER O SEU MAIOR CONCURSO DA HISTÓRIA

lhores instituições de pesquisa, de estatística e geografia do mundo. É impressionante a quantidade de demandas, de solicitações que

o IBGE recebe para participar de eventos internacionais no âmbito da estatística, da geografia e pesquisas diante da qualidade dos seus técnicos, do profissionalismo da instituição. Recentemente, o IBGE divulgou algo inédito, inclusive no mundo, acerca de uma pesquisa que revela os trabalhadores e trabalhadoras vinculados ao teletrabalho, ao trabalho de plataformas, que é algo que vem ganhando dimensão, não apenas no Brasil, mas no mundo todo. Essa instituição tem problemas, evidentemente, sofreu dos efeitos de um governo de extrema-direita, mas estamos, de forma coletiva, transparente, democrática, reconstruindo junto com os colegas da casa e, ao mesmo tempo, num processo de escuta, de diálogo com o Governo Federal, nos mais diversos ministérios que tivemos oportunidade de dialogar e outras possibilidades que se abrem em termos de melhorar, modernizar as estatísticas brasileiras.

- O que podemos aguardar dessa primeira etapa de organização da sua gestão, em termos de prioridade de desafios, como a criação do Centro de Estudos de Trabalho da Era Digital?

- O sistema de estatística dados do Brasil responde a diferentes etapas ou fases da sociedade brasileira. Quando o Brasil ainda era um país escravista, se constituiu em 1871 a Diretoria Geral de Estatística, e a partir desta Diretoria Geral de Estatística, ainda no Império, foi realizado o primeiro censo demográfico do Brasil, em 1872. A partir da década de 1930, a própria Revolução de 1930, abriu um outro horizonte de transformação da sociedade brasileira, porque fomos transitando de uma sociedade agrária relativamente primitiva, cuja expectativa média de vida encontrava-se ao redor de 34 anos de idade, para uma sociedade urbana industrial. Nesta mudança de sociedade é que se identificou a necessidade de ter uma instituição de novo tipo, que foi a criação do IBGE em 1936. O IBGE emerge a partir dos anos 1930 com um papel estabelecido como uma delegação do estado, processo de modernização do estado brasileiro, e passa então a subsidiar cada vez mais políticas públicas, realizando os censos demográficos de 1940 até os dias de hoje, entre outras pesquisas por amostras, já não mais somente censos. Nós entendemos que o Brasil hoje está diante de uma mudança de época profunda. Diante da trajetória da desindustrialização que ocorreu no Brasil, hoje somos um país de serviços. Serviços são os maiores componentes, do ponto de vista ocupacional e da geração de riqueza no país. Essa sociedade de serviços está submetida a uma era digital, da digitalização da sociedade. Nós temos hoje o desafio de recuperar a soberania dos dados brasileiros, porque na era digital todos nós fomos repas-

sando os nossos dados, as nossas informações, de maneira gratuita para grandes corporações transnacionais, em geral estadunidenses.

- Esse é um desafio grande, porque mexe com as big tech...

- Exatamente... Eu vou dar aqui um fato conhecido por todos: a presidenta Dilma, por exemplo, sofreu uma invasão do seu correio eletrônico, mas o correio eletrônico que ela usava era Gmail (Google), mas poderia ser qualquer ou-

O CONCEITO DE TRABALHO NA ERA DIGITAL NEM SEMPRE É MUITO COMPREENDIDO. É UMA MUDANÇA NO QUE SE ENTENDE SOBRE TRABALHO

tro que não pertence a nós. Então, quando nós entramos em uma sala virtual, nós autorizamos, nós dizemos que as informações dos dados não nos pertencem, as nossas fotos nas redes sociais não nos pertencem, nós concordamos que todas as informações pertencem a quem viabilizou o acesso às redes sociais. No caso da presidenta Dilma, ela, de certa maneira, não foi hackeada, porque nós autorizamos que as informações e mensagens não nos pertencem, porque o Brasil não tem, digamos assim,

plataformas nacionais que garantiriam a soberania das informações. Não tem por que me parece faltar uma política de soberania nacional de dados. Por isso que nós entendemos que uma parte importante do IBGE, que é o coordenador do sistema de estatísticas no Brasil, precisa na verdade, avançar para criar um sistema nacional soberano. Isso envolve a integração de um conjunto de informações e dados que pertencem a diferentes instituições. Por exemplo, nós temos o que os especialistas denominam como silos de informação. Por exemplo, o Ministério da Educação tem um silo com informações sobre a educação brasileira. O Ministério do Desenvolvimento Social tem outro silo com informações de beneficiários dos programas sociais brasileiros. O Ministério da Previdência Social tem outro silo com informações de pessoas aposentadas e pensionistas. Então, nós vamos tendo cada ministério, cada órgão, com as suas informações, mas o importante seria, justamente, como dizem os técnicos, um lago, ou seja, unir todos esses silos para permitir ao gestor de política pública uma visão da totalidade da realidade. Esse é, para nós, o desafio importantíssimo, que o governo do presidente Lula pudesse encerrar este terceiro mandato com um sistema nacional autônomo de estatística, geografia e dados. Estamos trabalhando conversando com diferentes ministérios, trabalhando nessa perspectiva. Isso vira um celeiro de políticas públicas, é o que guia a política pública, esse sistema integrado. Um grande desafio do ponto de vista da gestão governamental e das políticas públicas.

- O fato de o Censo não ter sido realizado em 2020 tem alguma implicação para a série histórica de dados?

- Esse é o 13º censo realizado no Brasil, o primeiro foi em 1872. A

ideia é que haja um Censo de 10 em 10 anos. Nós tivemos anos de turbulência política, econômica, e que não foram realizados censos. O Censo de 2022 foi realizado 12 anos depois do de 2010. Nós tivemos o problema da pandemia, então foi postergado para o ano de 2021. Em 2021, o governo (do ex-presidente Jair Bolsonaro) manifestou restrições orçamentárias, então não haveria. E, de fato, o Censo de 2022 somente foi realizado por determinação do Supremo Tribunal Federal. Esse é o primeiro Censo realizado no Brasil sob a determinação do STF. E ele foi realizado com dificuldades orçamentárias, porque houve um comprometimento de recursos para a realização, que equivaleu a algo em torno de dois terços dos recursos que foram utilizados para realizar o censo de 2010. Um Censo que foi realizado com menos recursos e com um número de questões inferiores àquelas que foram realizadas em 2010. Portanto é um Censo que reflete a singularidade daquele momento do Brasil. Mas é, inegavelmente, um Censo com um conjunto muito importante de informações. O IBGE revelou alguns desses dados e revelará outras informações. A preocupação da nossa gestão, que se iniciou após o Censo ter sido concluído e realizado pela gestão anterior, obviamente, é divulgar as informações, tal como foi o produto do Censo realizado, mas, mais do que isso, estamos preocupados em como podemos, na verdade, inovar na realização do Censo, já pensando no próximo de 2030, possivelmente uma recontagem da população. Estamos trabalhando com a ideia de um censo dinâmico que pode ser realizado de maneira mais rápida, mais eficiente, com menos recursos. Isso não é simples num país de dimensão continental. Estamos vivendo esse momento de transição de uma era cada vez mais digital, digitalizada.

Nós temos a novidade de alguns países, como o Uruguai, em que mais de 50% do próprio censo foi respondido de forma digital, pela internet. Então, nós estamos estudando várias possibilidades com o objetivo de reduzir custos, ganhar maior dinamicidade, rapidez, aprendendo com a experiência desse último censo que foi realizado. De alguma forma, já é digital.

- Esse modelo de soberania de dados já vinha sendo estudado por você?

- Devo confessar que a experiên-

O CENSO 2022 SOMENTE FOI REALIZADO POR DETERMINAÇÃO DO STF. É O PRIMEIRO CENSO REALIZADO NO BRASIL SOB DETERMINAÇÃO DO STF.

cia que tivemos por três anos à frente do Instituto Lula foi muito importante, na medida em que nos debruçamos sobre a temática da era digital, das desigualdades que a digitalização da economia e da sociedade produzem. Foram vários grupos de trabalho, de estudos. O próprio Instituto Lula está agora divulgando, na forma de livros, os estudos que foram feitos, olhando justamente esta mudança de época. E foi justamente a partir desse esforço de pesquisa,

de estudos, de seminários, fóruns realizados no âmbito do Instituto Lula que ganhou dimensão essa preocupação com a questão dos dados, com a estatística, porque nós estamos falando hoje de informações que o IBGE produz a partir das pesquisas amostrais, pesquisas sobre índice de preços, sobre a evolução da população através do censo, mas também pesquisas de emprego, desemprego e tantas outras. São mais de 200 divulgações a cada ano. É uma máquina de produção de informações. Mas nós temos também os chamados registros administrativos. Os registros que estão na forma de cadastros, por exemplo, do Ministério do Trabalho, a Relação Anual de Informação Social, o Cadastro Geral dos Empregados e Desempregados, o Cadastro das Matrículas dos Nossos Alunos, o Cadastro dos Aposentados, há uma série de registros administrativos que nós gostaríamos de integrar e, na verdade, transformá-los em cadastros estatísticos. Tivemos vários contatos, desde a Anatel, por exemplo, dados que estão no âmbito da Polícia Federal, dados que estão no âmbito do INEP, da Educação, ou seja, nós estamos fazendo esse trabalho de convencimento e devo dizer que há uma convergência nesse sentido da integração das informações, porque acho que é um salto de qualidade para o gestor público e também para a sociedade, que pode, de certa maneira, através do IBGE, ter confiança nas informações que são disponibilizadas e do sigilo que representa o IBGE em termos do acesso às informações.

- Como você lê a taxa de desalencados no Brasil?

- Nós estamos muito preocupados com o desafio de compreender o tema do trabalho nesta era digital. A pesquisa divulgada recentemente sobre os trabalhadores vinculados ao chamado teletrabalho

traz uma informação importante para conhecer melhor os trabalhadores de plataformas, mas é, eu diria assim, quase a ponta do iceberg, porque o trabalho, hoje, na era digital, mudou de natureza, por isso o esforço que nós estamos fazendo com outras instituições, acerca, por exemplo, do trabalho desenvolvido no âmbito das redes sociais. Nós conhecemos youtubers e várias pessoas que utilizam as redes sociais que são remuneradas, sabemos da remuneração, da monetização das redes sociais. Tem uma série de jogos no âmbito das redes sociais que são monetizados. Temos os chamados influencers, ou seja, há um conjunto grande de formas de trabalho e renda às quais nós não temos metodologia ainda para compreender. Por isso a participação que o IBGE tem tido, mais recentemente, em fóruns internacionais, congressos que reúnem estatísticos, cientistas de várias partes do mundo, preocupados em entender essa mudança na natureza do trabalho. Por hipótese, vamos imaginar que você conversa, com um youtuber, um influencer, e pergunta: “você trabalha?”, e talvez aquilo que ele realiza, não se entenda como trabalho. E aí pergunta: “você procura trabalho?” Não, ele não procura trabalho. Ele está desempregado? Também não está. Então ele vai ser considerado inativo, ele sai da população economicamente ativa. Por isso, muitas vezes, o conceito de trabalho na era digital nem sempre é muito bem compreendido. Isso é uma mudança substancial no que se entende sobre trabalho, e por isso nós precisamos fazer um esforço concentrado com as universidades, com os estudiosos nas mais diferentes áreas, para poder compreender melhor esse fenômeno, incorporar às pesquisas. Temos uma riqueza de ativos, de trabalhadores em várias áreas do IBGE para dar esse salto no conhecimento e poder oferecer com

mais precisão a realidade pela qual o Brasil está vivendo hoje.

- O desafio hoje que você nos apresenta está posto para além das fronteiras do IBGE. Um trabalho de articulação, como você disse, com os ministérios, mas também com o Congresso, por esbarrar na regulamentação das big tech. Como está essa discussão em Brasília para tratar dessa integração?

- Nós temos um grande apoio do presidente Lula, que compreende

O PROJETO DE INTEGRAÇÃO DE DADOS TEM APOIO DO PRESIDENTE LULA. O IBGE JÁ INICIOU DIÁLOGO COM AS TRÊS INSTÂNCIAS DO PODER

justamente a complexidade desta transição de sociedade e de economia, isso para nós é um valor fundamental. No mesmo sentido, a ministra Simone Tebet e sua equipe no âmbito do Ministério do Planejamento e Orçamento têm também apoiado muito o IBGE.

Esse ano de 2023 é um ano importantíssimo, porque ele representa a retomada de concurso - e o IBGE vai fazer o seu maior concurso da história em termos quantitativos, e optou inclusive por fazer parte de um concurso unificado nacional

que o governo federal com o Ministério de Gestão e Inovação está realizando. Também houve um reajuste de salários este ano. A articulação com ministérios, órgãos e instituições produtoras de dados é, para nós, bastante estimulante, pois existe uma convergência de interesses. Nós estamos avançando o diálogo também com o Poder Legislativo, com o Poder Judiciário, tivemos uma audiência com o presidente do Supremo Tribunal Federal, tivemos reuniões com a presidência do Tribunal Superior do Trabalho, estamos na verdade buscando fazer diálogo dentro dos três poderes da República, além da sociedade, é claro, das instituições de pesquisa, das universidades, porque é um esforço comum.

- Como foi a participação do IBGE na oitava reunião de altos funcionários especialistas em população do BRICS?

- Essa reunião realizada em Joanesburgo, foi uma reunião muito positiva, porque tratou das convergências das instituições que estão no âmbito, pelo menos no caso dos BRICS, na perspectiva do Sul Global. As estatísticas, os dados que nós temos hoje, as metodologias, elas foram criadas mais ou menos há 100 anos, muito influenciadas pela realidade do Norte Global. O IBGE não atualizou a sua projeção ainda porque nós estamos finalizando a totalidade das informações do Censo Demográfico. Mas antes do Censo, antes da pandemia, as projeções realizadas por outros organismos passaram a apontar que esse século XXI será um século de redução populacional. Ao contrário do que se imaginava, que a população continuaria crescendo. Hoje, o que estamos percebendo, é que há uma queda em vários países, vários continentes, salvo a África e um pouco do Oriente Médio, os demais países e continentes estão com uma desa-

celeração da sua população, uma queda na taxa de fecundidade. No caso brasileiro, inclusive, essa estimativa que foi feita pela Escola de Medicina de Washington considera que o Brasil pode chegar a 2100 com 50 milhões a menos de pessoas do que nós temos hoje. Essa é outra questão da mudança demográfica que abre a necessidade de uma discussão profunda no Brasil sobre população e desenvolvimento. Será que a população que nós temos hoje, que vai crescer um pouquinho mais, é razoável, é suficiente? Por que as mulheres estão tendo menos filhos? Por que as famílias tomam essa decisão? É um problema econômico? É uma decisão psicológica? Nós não sabemos isso.

- Do ponto de vista da lógica capitalista, você diria que, se não houver uma mudança no sistema capitalista, nós estamos à beira de uma tragédia, um caos social?

- A tua questão que não é simples de responder. O que eu entendo é o seguinte: estamos vivendo uma mudança de época no mundo assentado em eixos. O primeiro é o deslocamento do centro do mundo do ocidente para o oriente. Isso é algo, a meu modo de ver, mais importante dos últimos 500 anos. Porque até o século 15, até 1453, o centro do mundo estava na Ásia e as rotas das sedas permitiam deslocar o que havia de mais avançado no Império Hindu, no Império Chinês, para a Europa muito atrasada, muito primitiva. E aí a tomada de Constantinopla pelos turcos, hoje Istambul, praticamente interrompe, em grande medida, esse comércio e leva cidades e estados da Europa junto com alguns impérios, o português, o espanhol, a financiarem as grandes navegações que vão tentar reconectar e conseguem reconectar com as Índias e a China pelo Oceano Atlântico. Simultaneamente, "descobrem" um continente desconhecido que é a

América e fundam o sistema colonial europeu, que é fundamental para a extração de riqueza, que serve de acumulação primitiva para fundar o próprio capitalismo na Europa, a própria revolução industrial. Tudo isso para dizer o seguinte: nós, desde o século 15, estamos diante de um projeto de modernidade ocidental. Nós mesmos, aqui no Brasil, no continente americano, acreditamos, fomos ensinados que, na verdade, tudo tem a ver com a origem da modernidade na Antiga Grécia, nos

A ESQUERDA TRABALHA COM A UTOPIA DE QUE AMANHÃ PODE SER MELHOR QUE HOJE. O CAPITALISMO NOS OFERECE UM CANCELAMENTO DO FUTURO.

filósofos Platão, Hegel, ou seja, a ideia da universalidade a partir do eurocentrismo. E esse projeto de modernidade se assenta em vetores que estão, a meu modo de ver, colapsados. O primeiro vetor é a guerra. A guerra é o complexo pelo qual o capitalismo se move. E hoje nós estamos no limite da guerra. Então, tem um colapso desse complexo militar que segue ainda ativo, mas com grandes problemas. O segundo eixo é o de usar a natureza como recurso ili-

mitado. E, bom, nós temos, desde os anos 1970 já, a informação de que não é possível, não tem futuro continuar entendendo a natureza apartado do ser humano e de um recurso ilimitado. E o terceiro eixo, me parece, é a indústria cultural. Ou seja, é a dominação, o processo de alienação que o capitalismo produz a partir, então, da ideia do consumismo. Eu estou aqui simplificando, mas é isso: esse projeto de modernidade ocidental está colapsado. Nós estamos diante da emergência de novas modernidades. Uma delas é a própria modernidade chinesa. Há uma possibilidade da modernidade do campo sul global. Então, se nós continuarmos prisioneiros, achando que o capitalismo não tem fim, que, na verdade, o futuro é a Europa, os Estados Unidos, é uma visão que nos leva, na verdade, a uma alienação e uma ausência de disputa de futuro, e que é o espaço pelo qual, hoje, a direita mais cresce pois ela tem proposta em relação ao futuro e nós estamos com dificuldade. Nós temos que compreender que há uma mudança de época, há novas modernidades, e essa é a disputa que se faz do futuro e pelo qual a esquerda tem que ter um papel fundamental. Por que a esquerda existe? Ela trabalha com a utopia, com a perspectiva de que amanhã pode ser melhor do que hoje. O que o capitalismo nos oferece é, na verdade, um cancelamento do futuro. Nos diz que a tecnologia vai destruir emprego, não tem emprego, nos diz que a natureza vai destruir, e que agora o futuro será cada vez pior com epidemias. Não é verdade isso! Se continuarmos dentro desse projeto de modernidade ocidental, possivelmente será este o futuro, um futuro completamente desfavorável à humanidade. Mas penso que há alternativas, mas é uma disputa de futuro, como nós vamos, na verdade, motivar a sociedade em torno de uma utopia. •



**“É TERRÍVEL, NÃO
VAMOS SAIR DISSO”**

A crise humanitária se aprofunda, à medida que Israel mantém intenso bombardeio sobre os palestinos refugiados em Gaza. O mundo está em choque, mas a ONU não tem força para deter a matança. Já são mais de 9,5 mil palestinos mortos

Pierre Barbancey | L'Humanité

Sujeito a terríveis bombardeios e incursões terrestres por parte do exército israelense, mais habitantes do enclave palestino morrem a cada dia. A situação humanitária ainda está a piorar com os centros de saúde sendo atingidos. Telavive está cada vez mais isolada internacionalmente e o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu é criticado em seu próprio país.

Narima já não responde. A última mensagem da jovem dizia que, com seus três filhos e seu marido, ela havia deixado a cidade de Gaza para Deir Al Balah, mais ao sul, mas, ela disse à reportagem da *L'Humanité*, que “mesmo aqui os bombardeios não param”.

Walid, por outro lado, recusou-se a sair, a cumprir as ordens israelenses lançadas dos aviões. “Sair é reviver o que meus avós passaram. É Nakba, o exílio sem esperança de retorno”, assegura. Zoher deixou para trás a sua aldeia de Abassan e, juntamente com a sua família, encontrou refúgio numa escola da ONU para refugiados palestinos. “É terrível, não vamos sobreviver”, gritou, durante nossa última conversa, já quase inaudível.

Narima, Walid e Zoher estão vivos ou mortos? Não sabemos nada sobre isso. Desde 27 de outubro, Israel cortou todas as comunicações, incluindo a internet. A Human Rights Watch alertou que isso poderia ser uma “cobertura

para atrocidades em massa, que contribui para a impunidade por violações dos direitos humanos”.

Provavelmente é isso que está acontecendo. As poucas imagens são dos corajosos jornalistas palestinos no local, que transmitem através de telefones de satélite. Cenas alucinantes de prédios totalmente destruídos, ruas quebradas, crianças feridas com rostos ensanguentados ou mortas, envoltas em mortalhas que suas mães usam com olhares sem vida. Homens gritam a sua raiva. As cenas são ainda piores do que as vistas em ofensivas israelenses anteriores, em 2008-2009 ou 2014.

Para evitar controvérsias sobre os números, a Autoridade Palesti-

na divulgou uma lista de 2.665 nomes de crianças, juntamente com números de carteira de identidade, mortas entre 7 e 23 de outubro. Um número que tem aumentado nos últimos dias.

De acordo com o Ministério da Saúde em Gaza, o número de mortes ultrapassou 9.500, 70% das quais são crianças, mulheres e idosos, enquanto mais de 18.567 pessoas ficaram feridas. O número de palestinos ainda sob os escombros de casas e edifícios bombardeados desde o início da ofensiva seria de cerca de 1.800, incluindo 1.000 crianças.

Desde a noite de sexta-feira, 27 de outubro, o exército israelense vem operando em terra com soldados e blindados, enquanto continua a intensificar seus bombardeios contra o território de 365 km² por via aérea, terra e marítima, oficialmente em retaliação pelo sangrento ataque do Hamas em seu solo em 7 de outubro, que matou 1.400 pessoas.

Gaza está sujeita a bloqueio desde 2007, mas o governo israelense tem apertado o cerco à faixa desde o início de sua ofensiva, há semanas, para incluir cortes de água e eletricidade, impedir a entrada de materiais básicos e combustível.

Os ataques aéreos e de artilharia israelenses concentraram-se em Beit Hanoun, Beit Lahia e Jabaliya, no norte do enclave palestino. Mas muitas áreas a noroeste da cidade de Gaza também foram submetidas a intensos bombardeios. O sul, onde a população deve se

**A AUTORIDADE
PALESTINA
DIVULGOU LISTA
COM NOMES DE
2.665 CRIANÇAS,
INCLUINDO
IDENTIDADE,
MORTAS ATÉ
23 DE OUTUBRO**



TORMENTO Segundo informações da Autoridade Palestina, 70% das 9,5 mil pessoas que morreram nos ataques em Gaza são mulheres e crianças

reagrupar, não é mais poupado, como se Israel quisesse forçar os habitantes de Gaza a cruzar a fronteira egípcia. A ONU identificou mais de 1 milhão de deslocados.

Desde 7 de outubro, vários funcionários ou ex-funcionários israelenses pediram ao Egito que instalasse os palestinos em “tendas” no “espaço quase infinito” do Sinai. Uma vontade israelense duradoura. Em 1948, 760 mil palestinos fugiram ou foram expulsos de suas casas. Foi o Nakba, o desastre. O mesmo cenário ocorreu em 1967, após a vitória israelense. Após a Guerra dos Seis Dias, 300 mil palestinos tomaram o caminho do êxodo.

A situação humanitária é desastrosa. Além da ONU, o Crescente Vermelho Palestino (PRC) denuncia as práticas do exército israelense, que bombardeou instalações de saúde 69 vezes, destruindo 12 delas; 46 dos 72 centros de saúde pararam de funcionar após o bombardeio e devido à falta de combustível.

ONGs e agências da ONU (estas últimas anunciaram que 53 de seus funcionários foram mortos) relataram ter perdido contato com suas equipes em Gaza. Algumas operações cirúrgicas são realizadas sem adormecer completamente os pacientes, incluindo amputações, devido à escassez

de produtos anestésicos, alertou, no último sábado, 28, os Médicos Sem Fronteiras (MSF).

Enquanto o porta-voz militar israelense anunciava “a expansão da invasão terrestre” em conjunto com intensos ataques aéreos direcionados a todas as áreas, o objetivo final não foi revelado. “Não temos interesse em ocupar Gaza ou ficar em Gaza”, disse o embaixador israelense na ONU, Gilad Erdan, em 12 de outubro.

A única indicação partiu do ministro das Relações Exteriores, Eli Cohen. Ele anunciou a “diminuição do território de Gaza” após a guerra. O que parece reforçar a ideia de criar uma grande zona de exclusão ao Norte e nas margens da Faixa de Gaza ao longo de Israel. Para isso, o exército israelense poderia enviar comandos encarregados de enfrentar os combatentes do Hamas, inclusive nos túneis, esporadicamente e em vários lugares ao mesmo tempo, antes de se retirar. Mais do que a morte dos seus soldados, o governo israelense teme que alguns sejam feitos prisioneiros.

As dificuldades de Benjamin Netanyahu neste caso são multiplicadas pelo seu crescente isolamento diplomático. Ele avisou que essa guerra será “longa e difícil”, mas não convence nem internacionalmente nem em seu

próprio país. O primeiro-ministro se mostra incapaz de tranquilizar as famílias israelenses cujos membros estão agora em Gaza. Da mesma forma, não responde ao líder do Hamas do enclave palestino, Yahya Sinouar, que no sábado, 28 de outubro, disse estar pronto para concluir “imediatamente” a troca de reféns contra “todos os prisioneiros” palestinos.

“Muitos civis, incluindo crianças, foram mortos. Isso vai contra o direito internacional humanitário”, advertiu o Alto Representante da União Europeia, Josep Borrell. A opinião pública em todo o mundo está em emoção, quer acabar com o massacre em curso na Faixa de Gaza e expressá-lo nas próprias ruas, apesar das proibições em alguns países.

Esse borrão mantido por Israel, sem dúvida, visa não colocar o aliado dos Estados Unidos em apuros, já que Washington se tornou quase o último grande apoio de Israel, como ficou claro nos debates na ONU nos últimos dias. A Assembleia Geral que, ao contrário do Conselho de Segurança, reúne todos os estados-membros, aprovou, no final de outubro, uma resolução sobre “a proteção dos civis e o cumprimento das obrigações legais e humanitárias” por 120 votos a favor, 14 contra e 45 abstenções.

Isso quer dizer que Israel está sozinho hoje. França, Espanha e Bélgica apoiaram o texto, enquanto Alemanha, Itália e Finlândia se abstiveram. Este é um sinal de dificuldade, para alguns governos que geralmente apoiam Telavive sem limites, em se opor a tal desejo. Parar Israel é urgente. Os governos americano e europeu, incluindo a França, que desde o início só tem palavras para a defesa de Israel, carregam uma pesada responsabilidade à medida que os crimes de guerra se multiplicam em Gaza. •

BLINKEN PEDE “PAUSAS HUMANITÁRIAS”

Apelo do secretário de Estado é solenemente ignorado por Netanyahu, que voltou a insistir que Israel manterá pressão em Gaza e se recusa a promover um cessar-fogo. Na sexta, ambulâncias foram atingidas pelas forças israelenses

Enviado pelo presidente Joe Biden ao Oriente Médio pela quinta visita a Telavive, o secretário do Departamento de Estado, Antony Blinken, voltou a manter conversas com líderes na sexta-feira, 3, para insistir na necessidade de “pausas humanitárias” nos combates em Gaza. Ele disse que Israel deve “fazer mais para proteger os civis palestinos”. Mais uma vez, foi ignorado.

Em um comunicado aos repórteres ainda na sexta-feira, o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu disse que Israel continuaria sua campanha em Gaza com “todo o seu poder” e se “recusa a promover um cessar-fogo temporário que não inclua o retorno de nossos reféns”. Falando à imprensa depois de se encontrar com Netanyahu, Blinken disse que os Estados Unidos tinham sido claros que importa “como Israel conduz esta campanha para derrotar o Hamas”.

O secretário chegou a Israel em meio à crescente preocupação internacional com o número crescente de mortos em Gaza, onde as autoridades de saúde locais dizem que mais de 9.500 palestinos foram mortos desde que Israel começou seu bombardeio aéreo do enclave empobrecido, depois do dia 7 de outubro, revidando a incursão do Hamas ao território israelense, em que promoveu uma matança que resultou na morte de 1,4 mil pessoas, incluindo mulheres e crianças.

Blinken abordou algumas dessas preocupações após sua reunião com Netanyahu, dizendo que os EUA estavam focados

Johnathan Harris/AP



PRESSÃO Secretário do Departamento de Estado, Antony Blinken desembarcou em Telavive, para pedir um cessar-fogo a Israel. Foi ignorado

em “estabelecendo condições para uma paz duradoura e sustentável”. “O melhor caminho viável – de fato, o único caminho – é através de uma solução de dois estados”, disse.

Autoridades de saúde de Gaza disseram que várias pessoas foram mortas na última sexta quando uma explosão atingiu um comboio de ambulâncias do lado de fora do hospital al-Shifa, na cidade de Gaza. Os militares de Israel disseram que atingiram uma ambulância que estava sendo usada por combatentes do Hamas. A imprensa ocidental se limitou a dizer que não ficou imediatamente claro se o porta-voz das Forças de Defesa de Israel estava se referindo ao mesmo incidente.

As agências de ajuda alertaram para uma catástrofe humanitária à medida que a área fica sem comida, água, remédios e combustível. Blinken descreveu as pausas humanitárias como “arranjos no terreno que aumentam a segurança dos civis e permitem a entrega mais eficaz e sustenta-

da da assistência humanitária”. Disse o secretário: “Em última análise, acreditamos que este pode ser um mecanismo crítico para proteger os civis, permitindo que Israel atinja seus objetivos de derrotar o Hamas”.

A última viagem de Blinken ao Oriente Médio vem em meio a sinais de que o apoio político nos EUA às táticas de guerra de Israel começou a desaparecer, e à medida que as autoridades americanas se concentram em um final para o conflito.

Na quinta-feira, 2, o senador Chris Murphy, um respeitado democrata do comitê de Relações Exteriores, disse que a ofensiva de Israel estava “causando um nível inaceitável de danos civis e não parece provável que atinja o objetivo de acabar permanentemente com a ameaça do Hamas”. Outros principais apoiadores de Israel no Partido Democrata, incluindo o senador Dick Durbin, levantaram preocupações semelhantes nos últimos dias.

“Não sabemos quanto tempo a campanha vai demorar, mas

será um período em que vamos recuar [e] você tem que ter algo em vigor”, disse o senador Ben Cardin, presidente do comitê de relações exteriores do Senado.

A viagem do secretário de Estado a Israel, a primeira etapa de uma turnê pela região, veio quando Hassan Nasrallah, líder da organização militante libanesa apoiada pelo Irã, Hezbollah, dirigiu-se aos seguidores em seus primeiros comentários públicos desde o início da guerra entre Israel e o Hamas. A preocupação que está crescendo em Israel é que o discurso possa anunciar a abertura de uma segunda frente no conflito.

Após ataques aéreos em Gaza, as Forças de Defesa de Israel (FDI) lançaram incursão terrestre no enclave há uma semana e anunciaram que cercaram a cidade de Gaza, base do Hamas.

Blinken disse que os EUA apoiam Israel, acrescentando que “não apenas têm o direito, mas a obrigação, de se defender”. Ele disse que seus esforços diplomáticos estão focados em evitar a escalada do conflito. Acha que consegue proteger os civis palestinos e aumentar o fluxo de ajuda humanitária para Gaza. “Nós passamos de zero para agora mais de 100 caminhões entrando em Gaza através da travessia de Rafah [entre o Egito e Gaza] todos os dias, mas isso ainda não é suficiente”, apontou.

Ele declarou que disse aos líderes israelenses sobre “medidas tangíveis” que poderiam ser tomadas para aumentar o fluxo de assistência humanitária, incluindo combustível, e garantir que ela não fosse desviada para as mãos do Hamas. O porta-voz das FDI, Richard Hecht, disse que, tendo concluído o cerco da

Cidade de Gaza, as FDI estavam agora envolvidas em uma “luta urbana complexa”.

“É um combate muito próximo entre nossas tropas e os agentes do Hamas”, declarou, acrescentando que os militantes do Hamas estavam emergindo rapidamente de túneis e disparando foguetes de posições próximas a áreas civis. Hecht disse que a próxima etapa da ofensiva era “começar a lidar com a infraestrutura do Hamas dentro da cidade de [Gaza]”, acrescentando que uma brigada de infantaria já estava lá.

As forças de Israel assumiram o controle de vários redutos do Hamas durante a noite de quinta-feira, anunciando ter apreendido grandes estoques de armas, incluindo granadas, cargas explosivas e equipamentos de comunicação. Outro porta-voz das FDI, Daniel Hagari, disse que as forças estavam em um “alto estado de preparação operacional na fronteira norte”, após uma série de trocas de tiros com o Hezbollah na fronteira norte.

Israel também anunciou que enviou 2.000 cidadãos que estavam trabalhando em Gaza quando a guerra eclodiu de volta ao território. “Israel está desintegrando todo o contato com Gaza”, disse o escritório de Netanyahu em um post na plataforma de mídia social X, anteriormente conhecida como Twitter. “Não haverá mais trabalhadores palestinos de Gaza”.

Os trabalhadores foram devolvidos através do cruzamento de Kerem Shalom, para as “zonas seguras” da faixa sul. Estima-se que 3.300 trabalhadores de Gaza com licenças estavam em Israel em 7 de outubro. Os números restantes serão devolvidos em rodadas futuras. •

HEZBOLLAH ALERTA ISRAEL E OS EUA

Influente líder do grupo paramilitar Hezbollah, instalado no Líbano e apoiado pelo Irã, Hassan Nasrallah alertou Israel de que seu grupo consideraria “todas as possibilidades” em suas hostilidades em curso ao longo da fronteira do Líbano. Apesar disso, parou de declarar uma guerra total. Foi seu primeiro comentário público desde que Israel declarou guerra ao Hamas após o ataque de 7 de outubro por militantes.

O Hezbollah deu o passo incomum de anunciar o discurso com vários dias de antecedência e lançar vários vídeos curtos nas mídias sociais de Nasrallah ao longo da semana, alimentando as expectativas de que haveria um anúncio significativo. Em vez disso, Nasrallah fez um discurso ardente, mas cuidadosamente calibrado, no qual ameaçou Israel e os EUA. Ele aponta a Casa Branca diretamente responsável por apoiar Israel em suas contínuas “agressões em Gaza”.

“Suas ameaças à nossa região não funcionam”, disse Nasrallah, alertando os EUA de que uma guerra mais ampla poderia ocorrer se não controlar o aliado Israel. “Vocês americanos sabem muito bem que, se a guerra eclodir na região... aqueles que pagarão o preço máximo serão seus interesses, seus soldados e suas frotas”, ameaçou.

Há o temor crescentes desde que eclodiu a guerra de que o Hezbollah e o outro grupo ligado ao Irã na região possam ser atraídos mais profundamente para o conflito. Nasrallah sugeriu em seu discurso que o chamado Eixo de Resistência estava pronto para escalar seus ataques coordenados às tropas terrestres dos EUA, bem como aos seus navios de guerra no Mediterrâneo. •

ITAMARATY INSISTE NA LIBERTAÇÃO

Governo israelense anunciou que brasileiros serão liberados nesta semana. Na quinta-feira, 32 pessoas resgatadas da Cisjordânia por aeronave da Presidência chegaram ao Brasil

O ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, anunciou na sexta-feira, 3, que os 34 brasileiros que estão em Gaza aguardando autorização para ir para o Egito deverão cruzar a fronteira até quarta-feira, 8. Ele disse que tem conversado por telefone com o ministro das Relações Exteriores de Israel, Eli Cohen, e obteve garantias da liberação dos brasileiros. “Eu tive uma conversa telefônica com o ministro das Relações Exteriores de Israel, Eli Cohen. Ele me deu garantias que até quarta-feira todos os brasileiros que estão em Gaza poderão sair pela passagem de Rafah”, disse.

Na última quinta-feira, 2, pousaram em solo brasileiro às 5h30 as 32 pessoas repatriadas da Cisjordânia, em uma nova etapa da Operação Voltando em Paz. A aeronave VC-2 (Embraer 190), cedida pela Presidência da República, fez a primeira parada na Base Aérea de Recife (PE), onde seis passageiros fizeram o desembarque. As demais seguiram até Brasília, destino final do voo de repatriação comandado pela Força Aérea Brasileira (FAB).

Abla Aziz, uma das passageiras que seguiu para Foz do Iguaçu, resumiu seu sentimento de gratidão em poucas palavras: “quero paz”. Amer Aziz, que volta ao país com quatro filhos, narrou que a situação na área do conflito está bem complicada. “Para se locomover de uma região para outra estava bem difícil, com pessoas armadas”, disse.

“Tem muito brasileiro na Faixa de Gaza e ninguém está seguro

Presidência da República



DE VOLTA Governo Lula já resgatou do Oriente Médio 1.440 brasileiros

lá”, disse Nazmieh Mohamed, 72 anos, passageira que mora em Brasília. “Eu estou livre agora. Muito obrigado Brasil, muito obrigado FAB, muito obrigado presidente Lula”, agradeceu.

Produtor rural de Estrela (RS), Maged Gharib, 62 anos, também agradeceu aos envolvidos nessa repatriação. “Na cidade de Turmus Ayya sofremos as consequências, indiretamente, com represálias, bloqueios, emboscadas e invasões aos assentamentos. E fomos orientados pela embaixada brasileira a não nos movimentarmos dentro da cidade, com risco de sermos atacados”, disse.

Realizada pelo governo Lula, a Operação Voltando em Paz já garantiu o retorno seguro de 1.445 passageiros, em oito voos vindos de Israel e um da Jordânia, todos comandados pela FAB. No total, são 1.440 brasileiros, três bolivianas, um palestino e um jordaniano, além de 53 animais de estimação.

Na nova etapa da operação, a

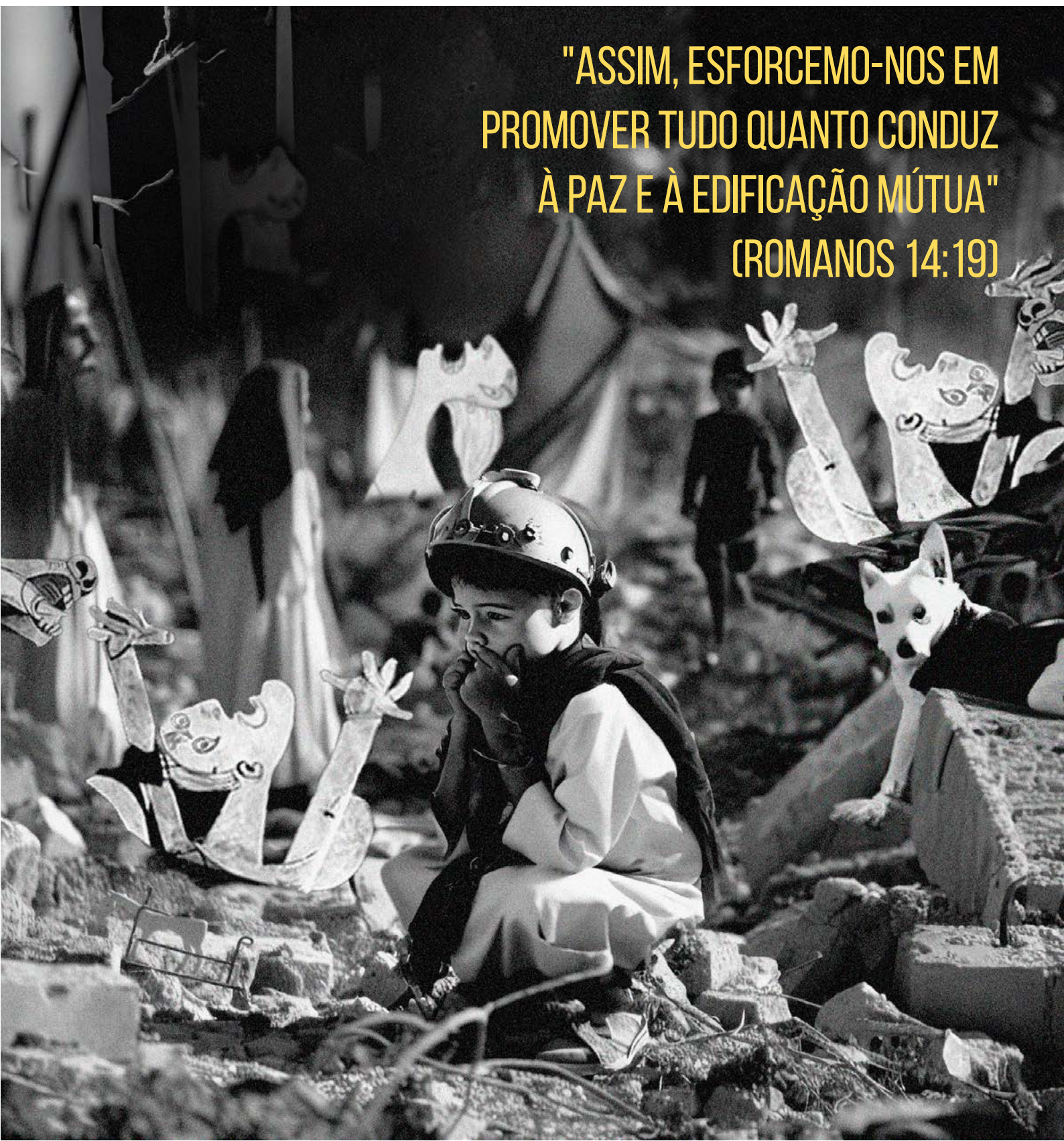
representação brasileira em Ramala organizou uma complexa operação de resgate das 12 famílias. No grupo, são 12 homens, 9 mulheres e 11 crianças – entre eles, seis idosos, dois deles cadeirantes. Três veículos alugados pela representação, conduziram os passageiros de onze cidades da Cisjordânia até a cidade de Jericó.

“Os veículos foram identificados com a bandeira do Brasil. Para fins de segurança, as placas, trajetos e listas de passageiros foram informados às autoridades da Palestina e de Israel”, explicou o embaixador Alessandro Candea. Em Jericó, todos fizeram os trâmites migratórios. Dali, cruzaram a fronteira com a Jordânia e na sequência, embarcaram em outro ônibus fretado pelo governo brasileiro até Amã, capital do país, um deslocamento de um pouco mais de uma hora. A aeronave VC-2 decolou da Jordânia às 16h50 (horário local) da quarta-feira (dia 1º). •

A BUSCA PELA PAZ

Um chamado evangélico face ao conflito Israel-Hamas: precisamos clareza de pensamentos para não confundir o cenário atual com o bíblico para evitar um ciclo de violência

**"ASSIM, ESFORCEMO-NOS EM
PROMOVER TUDO QUANTO CONDUZ
À PAZ E À EDIFICAÇÃO MÚTUA"
[ROMANOS 14:19]**



Coordenação Nacional do Núcleo de Evangélicos do PT

A realidade do conflito entre Israel e o Hamas, no território palestino, é uma história de dor e sofrimento que perdura há décadas. Como membros do Partido dos Trabalhadores e, acima de tudo, como cristãos evangélicos, somos chamados a ser instrumentos de paz e reconciliação, repudiando veementemente toda forma de violência, especialmente quando resulta na perda de vidas.

É imperativo que nos debruçemos sobre as raízes históricas deste conflito para aspirar a uma solução pacífica. Este entendimento também nos convida a refletir sobre a interpretação equivocada de associar o Estado de Israel moderno ao Israel bíblico, uma narrativa que tem sido utilizada para legitimar o avanço de Israel moderno sobre terras palestinas.

A Bíblia nos ensina, através das palavras de Jesus, o valor da vida e a importância do amor ao próximo. Em Mateus 5:9, Jesus nos diz: "Bem-aventurados os pacificadores, pois serão chamados filhos de Deus". Em outra passagem, Mateus 22:39, Ele instrui: "Ama o teu próximo como a ti mesmo". Estes ensinamentos são claros convites à paz, ao amor e à tolerância.

Não há margem para interpretação quando lemos em 1 João 2:9 que "Aquele que diz que está na luz, e odeia a seu irmão, até agora está em trevas" e em 1 João 4:20: "Se alguém diz: 'Eu amo a Deus', mas odeia seu irmão, é mentiroso. Pois quem não ama seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê".

É inconcebível e incoerente que qualquer cristão evangélico possa defender a guerra e o massacre de um povo. O Evangelho de Cristo não oferece qualquer

justificativa para a morte de milhares de crianças e, como ele mesmo ressaltou em Mateus 18:6, "mas, se alguém fizer tropeçar um destes pequeninos que creem em mim, seria melhor para ele que uma grande pedra de moinho fosse pendurada em seu pescoço e fosse afogado nas profundezas do mar".

A associação feita por alguns segmentos evangélicos entre o Estado de Israel moderno e o Israel bíblico, além de contradizer o entendimento cristão sobre Jesus como o Messias, serve apenas para perpetuar o ciclo de violência na região. Esta interpretação ignora a rejeição de Jesus como Messias pela religião judaica e, consequentemente, o movimento que culminou no cristianismo.

Além disso, a relação política e militar entre Estados Unidos e Israel, muitas vezes endossada por segmentos evangélicos, merece uma análise crítica. O conceito de "Destino Manifesto" nos Estados Unidos, que se vê como "o novo Israel para o mundo", muitas vezes é absorvido e difundido por parte da massa evangélica brasileira, criando uma predileção por Israel como "povo escolhido" e "nação santa", independentemente das atrocidades cometidas pelo Estado de Israel.

Já no Velho Testamento fomos instruídos a não admirar quem pratica a violência: "Não inveje o homem violento e não escolha nenhum de seus caminhos." (Provérbios 3:31). A lei é categórica: não matarás; não tomarás a propriedade do teu próximo. A paz no Antigo Testamento não é ausência de guerra, mas fruto da justiça.

É importante ressaltar que nem o Hamas significa a totalidade da população palestina, que não pode ser punida pelos crimes da organização, ainda mais da forma desmedida e desproporcional como vem acontecendo, nem os judeus podem

ser punidos pelas ações de seu governo sionista, que tem utilizado o conflito para promover uma limpeza étnica na região.

Nesse cenário, o governo Lula acerta ao condenar o terrorismo e se empenhar na criação de uma grande articulação internacional, com o apoio de mais de 50 países, para tentar derrubar o veto dos Estados Unidos à resolução do Conselho de Segurança da ONU que propõe uma "pausa humanitária" para evacuação de civis de Gaza, política humanitária e pacifista com a qual concordamos e apoiamos do mesmo modo que repudiamos todas as tentativas de setores extremistas do Brasil de atribuírem ao governo Lula e às esquerdas a falsa imagem de apoio ao terrorismo. Defendemos a paz, o imediato cessar-fogo como condição humanitária, a criação e o reconhecimento do Estado Palestino soberano e a coexistência pacífica entre dois Estados nacionais.

O dramaturgo da antiga Grécia, Ésquilo, sabiamente disse que numa guerra, a primeira vítima é a verdade. Nós, enquanto cristãos, repudiamos a mentira, descrita pelo próprio Cristo como filha do diabo, conforme registrado em João 8:44. Todo aquele que segue a Cristo tem a obrigação de preservar a verdade: "Portanto, cada um de vocês deve abandonar a mentira e falar a verdade ao seu próximo, pois todos somos membros de um mesmo corpo" (1 Pedro 2:14).

Como cristãos evangélicos e membros do Partido dos Trabalhadores, nosso compromisso é com a justiça, a paz e a solidariedade, valores fundamentais do Evangelho de Cristo. É nosso dever, então, repudiar a violência e buscar uma solução pacífica para o conflito Israel-Hamas, mantendo sempre acesa a esperança por um futuro de paz fruto da justiça e reconciliação para todos os povos daquela região. •



FORA DO JOGO Bolsonaro e Braga Neto estão inelegíveis por oito anos, até as eleições presidenciais de 2030

BOLSONARO INELEGÍVEL. DE NOVO

Tribunal Superior Eleitoral voltou a condenar ex-presidente por abuso de poder político nos eventos oficiais de 7 de Setembro. Braga Neto também está fora da política eleitoral

Oraio caiu novamente na cabeça do líder da extrema-direita nacional. Na terça-feira, 31, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) condenou, por 5 votos contra 2, o ex-presidente Jair Bolsonaro e seu candidato a vice, o general Braga Netto, por abuso de poder político, uso indevido dos meios de comunicação e conduta vedada a autoridades nas eleições presidenciais de 2022. É a segunda vez que Bolsonaro é considerado inelegível por oito anos. A primeira decisão foi dada em julgamento em junho. Como a penalidade não é cumulativa, o prazo de inelegibilidade permanece o mesmo: sem poder disputar eleições até 2030.

A mais alta instância da Justiça Eleitoral viu irregularidades na conduta dos dois líderes políticos da extrema-direita nos eventos comemorativos do Bicentenário da Independência, ocorridos em setembro do ano passado. Para os ministros, houve uso eleitoral das cerimônias públicas, no Rio e em Brasília. O plenário do TSE ainda reconheceu, também por maioria, a prática de conduta vedada a agente público, irregularidade que resultou na aplicação de multas no valor de R\$ 425.640 a Bolsonaro e de R\$ 212.820 a Braga Netto.

A decisão foi tomada durante o julgamento conjunto de duas ações de investigação judicial eleitoral e de uma representação

especial, propostas pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT) e pela candidata Soraya Thronicke (União), que também disputou as eleições presidenciais no ano passado. A condenação dos dois políticos é eleitoral, ou seja, a inelegibilidade é registrada nos cadastros dos dois e fica como uma restrição caso sejam apresentados registros de candidaturas.

O prazo da inelegibilidade é de oito anos, contado a partir do primeiro turno das eleições do ano passado, que ocorreu no dia 2 de outubro. Por uma questão de dias, Bolsonaro e Braga Netto, em tese, podem participar das eleições de 2030, previstas para dia 6 de outubro. O ex-presidente e o vice não serão presos por conta deste

caso, porque essa ação no TSE não é do âmbito penal. A decisão do TSE impede candidaturas a cargos eletivos, mas não cassa, suspende ou provoca a perda de direitos políticos de Bolsonaro e Braga Netto.

Os conceitos são diferentes – a inelegibilidade tem um efeito mais restrito do que a perda ou suspensão de direitos políticos, porque atinge a capacidade de disputar cargos eletivos, ou seja, de ser votado. A capacidade de votar permanece. Com isso, os dois ainda podem, por exemplo, votar em outros candidatos, em plebiscitos e referendos, assinar projetos de lei de iniciativa popular a serem enviados ao Congresso, assinar ações populares (para contestar atos da administração pública) e assumir alguns cargos públicos não eletivos.

Bolsonaro e Braga Netto ainda não anunciaram se vão recorrer das condenações. As defesas dos dois podem recorrer tanto das multas que foram aplicadas quanto da punição de ficar fora de eleições. Cabem dois tipos de recursos: os embargos de declaração, dentro do próprio TSE, em três dias depois da publicação da decisão colegiada (o acórdão), que pode questionar pontos não suficientemente esclarecidos ou omissões e contradições dentre os votos apresentados; recurso extraordinário ao Supremo Tribunal Federal (STF). Embora apresentado no TSE, o pedido é direcionado ao STF e passa por uma análise de admissibilidade do presidente Alexandre de Moraes.

É a primeira vez que o TSE aplicou a inelegibilidade ao general Braga Netto. Até então, em outros processos deste tipo, ele tinha sido absolvido. Agora, assim como Bolsonaro, não poderá concorrer a cargos políticos até 2030. O militar era pré-candidato à prefeitura do Rio de Janeiro no ano que vem. •



ESCONDERIJO NO ALVORADA

Segundo o ex-ajudante de ordens, Bolsonaro queria esconder investigados na residência oficial da Presidência. Desistiu após ser convencido por Cid

Otenente-coronel Mauro Cid declarou em depoimento de delação premiada que o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) queria esconder no Palácio da Alvorada investigados pela Polícia Federal pelos ataques às sedes dos Três Poderes da República em 8 de janeiro, quando houve uma tentativa de golpe de Estado.

Um dos elementos citados pelo ex-ajudante de ordens foi o influenciador de extrema-direita Oswaldo Eustáquio. Ele participou de manifestações em Brasília (DF) em frente ao Quartel-General do Exército contra o resultado das eleições, que apontou a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva, frustrando a tentativa de reeleição do então presidente. Bolsonaro também discutiu abrigar o youtuber Bismark Fugazza na residência oficial da Presidência da República.

Os produtores de conteúdo tiveram o mandado de prisão expedido ainda em dezembro pelo ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, alvo de ataques de Bolsonaro e dos influenciadores, que lançaram sus-

peitas de fraude nas eleições e de falhas da Justiça Eleitoral, presidida pelo próprio Moraes. Eustáquio e Fugazza fugiram para o Paraguai. O blogueiro entrou com pedido de refúgio no país vizinho e foi localizado pela Polícia Federal na Espanha. Já Fugazza foi preso pela polícia local.

O ex-ajudante disse ter convencido o chefe do Executivo a mudar de opinião, já que a medida poderia agravar seus problemas judiciais. O ex-presidente teria autorizado um carro oficial a transportar Eustáquio na tentativa de impedir que seu paradeiro fosse rastreado.

Cid foi preso em 3 de maio por uma investigação que apura inserções de dados falsos em cartões de vacina e solto provisoriamente em 9 setembro, depois de homologado pelo STF o acordo de delação premiada fechado com a PF. Em outra delação, o tenente-coronel disse à PF que o ex-presidente fez uma reunião depois do segundo turno das eleições com militares de alta patente e ministros do governo para discutir sobre uma minuta que pedia novas eleições e incluía prisões de adversários. •

IMPOSTO SOBRE ARMAS

Lula fortalece política de desarmamento e edita decreto que restabelece alíquotas do IPI para armas, munição, spray de pimenta e outros equipamentos, liberadas pelo governo anterior

O governo federal está comprometido em reduzir o número de armas em circulação no país e reverter a política instituída no governo anterior.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva editou, na terça-feira, 31, o Decreto 11.764, que restabelece as alíquotas do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) sobre armas de fogo, munições e aparelhos semelhantes.

A medida, publicada no Diário Oficial da União, amplia para até 55% a alíquota sobre revólveres, pistolas, espingardas, carabinas, spray de pimenta e outros equipamentos, além de aumentar o imposto sobre munição. Segundo estimativas do governo, a medida tem potencial de arrecadação da ordem de R\$ 342 milhões em 2024, R\$ 377 milhões em 2025 e R\$ 414 milhões em 2026, um total de R\$ 1,1 bilhão.

A iniciativa do governo tem o propósito de desarmar a população civil. A ideia é retomar o cadastramento das armas em circulação e combater a criminalidade. Segundo o Ministério da Justiça e Segurança Pública, a política de cadastramento de armas permitidas e de uso restrito contabilizou em cinco meses 939 mil armas cadastradas.

Em 1º de janeiro, Lula editou o Decreto nº 11.366 suspendeu registros para a aquisição e transferência de armas e de munições de uso restrito por caçadores, colecionadores, atiradores (CAC's) e



particulares e reduziu de seis para três a quantidade de armas permitidas para cidadão comum.

A mesma medida também suspendeu a concessão de novos registros de clubes e de escolas de tiro e a concessão de novos registros de colecionadores, de atiradores e de caçadores, proibiu o transporte de armas muniçadas, a prática de tiro desportivo por menores de 18 anos, entre outras.

A expansão armamentista estimulada pelo governo Bolsonaro impediu que o Brasil tivesse uma redução maior nas taxas de homicídios entre 2019 e 2021. Nesse período, o país poderia ter registrado 6.379 assassinatos a menos se não tivesse ocorrido o aumento da circulação de armas de fogo. Os dados são da pesquisa "Armas de fogo e homicídios no Brasil", realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), divul-

gado na última semana.

O estudo teve o objetivo de investigar se era factível o discurso de Jair Bolsonaro de que a posse de armas garante mais proteção e segurança aos "cidadãos de bem". Para tanto, foi analisado se esse argumento estava por trás da continuidade da redução anual das taxas de homicídio, iniciada em 2018 após o recorde histórico de 2017, quando o índice foi de 30,9 por 100 mil habitantes. Em 2021, a taxa havia caído para 22,3.

O fórum observa que, embora a redução dos níveis de homicídio seja motivo de comemoração, o Brasil ainda convive com um cenário de violência extrema, assumindo o oitavo lugar entre as nações mais violentas do mundo, conforme o ranking do Escritório das Nações Unidas para Drogas e Crime (UNODC), que analisou dados de 102 países, em 2020. •

ESPERANÇA E ESTRATÉGIA

Aumento da carga horária das disciplinas, com ênfase à retomada de cadeiras tradicionais e fundamentais, são as propostas do governo para recuperar o ensino médio. Foram ouvidos entidades e movimentos sociais ligados à educação

Zeca Dirceu

O governo Lula encaminhou ao Congresso Nacional o projeto de lei (PL 5230/2023), que apresenta importantes mudanças para o novo Ensino Médio. Pela proposta - estudada e formulada pelo MEC e entidades representativas da educação - retoma-se a esperança de formular planos estratégicos à educação brasileira. Entre as relevantes correções, destaque para o aumento da carga horária de disciplinas, além da recomposição geral básica, com ênfase à retomada de cadeiras tradicionais e fundamentais.

A construção do projeto pelo governo federal é uma vitória da educação como um todo, pois o Ministério da Educação ouviu o movimento estudantil nas audiências públicas convocadas para debater o Ensino Médio. A UBES, o Conselho Nacional de Secretários de Educação, o Conselho Nacional de Educação, o Fórum Nacional dos Conselhos Estaduais de Educação e o Fórum Nacional de Educação deram expressivas e necessárias contribuições para o texto que agora passará por amplo debate no Legislativo federal.



Cumprir o aumento da carga horária de 2,4 mil horas para Formação Geral Básica aos estudantes do Ensino Médio, maior incentivo ao ensino integral, ao ensino presencial, e também à formação emancipatória e engajada numa cultura

de direitos humanos e de valorização da democracia e da cidadania.

É bom lembrar que a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) sempre combateu a edição da medida provisória (MP 746/2016, do governo golpista de Temer), por entender que a matéria era prejudicial ao Ensino Médio, aos jovens e aos profissionais da educação. E, com o passar dos anos, ficou mais nítido que aquele texto trouxe prejuízos à educação como o afastamento dos jovens da escola e a desqualificação da formação profissional dos estudantes.

Entre alguns dos equívocos daquela MP - corrigidos agora pelo governo Lula - estavam a redução de disciplinas como Matemática, Português, Artes, Ciências, Filosofia, Sociologia, a não obrigatoriedade do Espanhol, entre outros.

Agora, sete anos depois, o

governo Lula, através do MEC, oferece um novo modelo, com avanços que destacamos a seguir:

- Retomada de 2,4 mil horas de Formação Básica para estudantes do Ensino Médio sem integração com curso técnico. Atualmente, são 1,8 mil horas de formação.

- Volta de todas as disciplinas obrigatórias do Ensino Médio - como Sociologia, Filosofia e Artes.

- Redes de ensino poderão oferecer de forma excepcional a Formação Básica de 2,1 mil horas desde que articulada com um curso técnico de, no mínimo, 800 horas.

- Definição de quatro Percursos de Aprofundamento e Integração de Estudos Propedêuticos (itinerários). Cada percurso deverá contemplar pelo menos três áreas de conhecimento.

- Revogação da inclusão de profissionais não licenciados, com reconhecimento notório saber, na categoria de magistério.

Nossa tarefa como líder do PT é qualificar o debate para que o Congresso aprove essa relevante matéria, a fim de termos uma legislação que qualifique nossos jovens à cidadania e para o mundo do trabalho, além de abrir oportunidades de acesso ao ensino superior. •

Deputado federal pelo Paraná, é líder do PT na Câmara dos Deputados



DESEMPREGO CAI A 7,7%

Efeito Lula: Brasil tem recorde de trabalhadores ocupados. Segundo a Pnad Contínua, a taxa de desocupação é a menor desde 2014. Total de pessoas com emprego chega a 99,8 milhões

O mercado de trabalho brasileiro retoma crescimento, após o desastre do governo anterior. É o efeito Lula. Dados divulgados na última semana mostra que o desemprego no Brasil caiu para 7,7% no 3º trimestre, o menor para o período desde 2014, durante o governo da presidenta Dilma Rousseff, quando se situou em 6,9%. Os dados são da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua, divulgada na terça-feira, 31 de outubro, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e

99,8 MILHÕES

de brasileiros é o tamanho da população ocupada no país (empregados, empregadores e funcionários públicos. É o maior contingente de toda a série histórica da pesquisa iniciada em 2012

Estatística (IBGE).

O resultado ficou abaixo tanto do verificado no segundo trimestre de 2023 (8%) e do resultado de

igual período de 2022 (8,7%). No trimestre encerrado em agosto, a taxa estava em 7,8%. O resultado ficou em linha com a mediana das expectativas de 21 consultorias e instituições financeiras ouvidas pelo jornal *Valor Econômico*. O intervalo das projeções ia de 7,6% a 7,9%. O Novo Caged revelou a criação de 1,6 milhão de empregos formais nos nove primeiros meses do governo Lula, o IBGE publicou novos números que confirmam o bom momento do mercado de trabalho.

No terceiro trimestre de 2023, o país tinha 8,3 milhões de de-

sempregados – pessoas de 14 anos ou mais que buscaram emprego, mas não conseguiram encontrar. Este número aponta retração de 3,8% frente ao segundo trimestre (menos 331 mil pessoas) e queda de 12,1% frente a igual período de 2022 (menos 1,1 milhão de pessoas). É o menor contingente de desempregados desde o trimestre móvel encerrado em maio de 2015 (8,3 milhões).

Entre julho e setembro, a população ocupada (empregados, empregadores, funcionários públicos) era de 99,8 milhões de pessoas, o maior contingente de toda a série histórica da pesquisa, iniciada em 2012. Isso representa uma alta de 0,9% em relação ao período entre abril e junho (mais 929 mil pessoas ocupadas). Frente a igual trimestre de 2022, subiu 0,6% (569 mil pessoas).

A renda média dos trabalhadores avançou 1,7% no terceiro trimestre de 2023, frente a igual período do ano anterior, para R\$ 2.982. A diferença é de R\$ 49 a mais. O rendimento médio real habitual dos trabalhadores considera a soma de todos os trabalhos. Na comparação com o segundo trimestre, houve alta de 4,2% (R\$ 120).

Já a massa de rendimentos real habitualmente recebida por pessoas ocupadas (em todos os trabalhos) atingiu recorde de R\$ 292,952 bilhões no terceiro trimestre de 2023. O número aponta expansão de 2,7% frente aos três meses anteriores, ou R\$ 7,71 bilhões a mais. Perante igual período de 2022, o aumento foi de 5% (mais R\$ 14,01 bilhões).

Em apenas um trimestre, o total de pessoas com trabalho cresceu em 929 mil. Com isso, o Brasil alcançou o recorde de 99,838 milhões de trabalhadores ocupados. Já a população desempregada foi de 8,316 milhões, menor patamar desde maio de 2015. •

BRASIL ATRAI MAIS INVESTIMENTOS

País foi o 2º no mundo a atrair recursos no primeiro semestre de 2023. O resultado é positivo, diante do cenário de incertezas para a economia mundial

Em menos de um ano, o governo Lula já acumula uma série de avanços no esforço de recuperação econômica, como atestam diferentes indicadores. Um dos mais recentes é da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que coloca o Brasil como o segundo país que mais atraiu Investimento Estrangeiro Direto (IED) no primeiro semestre de 2023, atrás apenas dos Estados Unidos. No ano passado, o país estava na quinta posição.

Segundo a OCDE, entre janeiro e junho deste ano, o fluxo de IED para a economia brasileira alcançou US\$ 34 bilhões, contra US\$ 35 bilhões do semestre anterior. O resultado é significativo quando levado em consideração o cenário de enormes incertezas para a economia mundial.

“A economia brasileira no rumo certo: o Brasil foi o segundo país que mais atraiu investimentos externos neste primeiro semestre. Sinônimo de confiança no governo do presidente Lula, nas reformas fundamentais em trâmite no Congresso Nacional, e na resiliência da economia brasileira”, comentou o ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, Geraldo Alckmin.

O Brasil subiu no ranking mesmo em meio a uma forte queda do fluxo global de IED, que alcançou US\$ 727 bilhões entre janeiro e junho, 30% abaixo do volume registrado no mesmo período de 2022. No ano passado, mesmo com condições mais favoráveis, o Brasil ficou na quinta colocação em acolhimento de IED, com US\$ 86 bilhões, superado pelos EUA, China, Singapura e Hong Kong.

Os Estados Unidos continu-

aram a ser o país a atrair mais investimento estrangeiro direto, com US\$ 190 bilhões no primeiro semestre. O Brasil vem em segundo, e em terceiro ficam o Canadá e o México, e, só então, vem a China. A OCDE situa o Brasil está entre os países que mais receberam anúncios de projetos novos, ao lado dos Estados Unidos, Índia, Mauritània e Reino Unido. Uma parte desses projetos é para energia renovável.

A organização também aponta que o Brasil aparece entre os emergentes como um dos países que mais ampliou IED no exterior, com US\$ 21 bilhões no primeiro semestre de 2023 comparado a US\$ 3 bilhões no segundo semestre do ano passado.

Recentemente, a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) destacou que o aumento de investimentos estrangeiros em alguns países, especialmente no Brasil, no ano passado, ocorreu pelo crescimento de todos os componentes do IED, especialmente o reinvestimento de lucros, e pelo aumento do fluxo no setor de serviços. Essa dinâmica está em consonância com a recuperação pós-pandemia, e não é claro se irá se manter em níveis semelhantes em 2023.

Para a Cepal, a transição energética é um dos setores impulsionadores do crescimento, que pode se tornar um motor para a transformação produtiva da região. A porcentagem da capacidade instalada de energia renovável na América Latina e no Caribe é superior à média mundial, e a matriz de geração elétrica é uma das mais limpas do mundo, segundo a entidade. •

APAGÃO: MILHÕES FICAM SEM LUZ APÓS CHUVAS EM SÃO PAULO

As fortes chuvas que atingiram o estado de São Paulo deixaram 2,5 milhões de imóveis sem luz. Moradores criticaram lentidão da Enel e estudantes correram risco de perder o Enem. Seis pessoas morreram

As intensas chuvas que atingiram o estado de São Paulo na última sexta-feira (3) ainda causam transtornos e deixam um rastro de destruição. Até o momento, são seis os mortos em decorrência das chuvas. De acordo com a Defesa Civil de SP, os ventos atingiram marcas de até 151 km/h em Santos e 103,7 km/h em São Paulo, a maior velocidade registrada em meia década. Mesmo 24h depois do forte temporal, mais de 2.5 milhões de imóveis estavam sem energia.

As defesas civis e o Corpo de Bombeiros registraram mais de 2 mil chamados em ocorrências em 40 municípios do estado, a maioria por queda de árvore. Quatro pessoas morreram por conta da queda de árvores, sendo uma em Osasco, uma em Suzano, municípios da Grande São Paulo; e duas na zona leste da capital paulista.

Também houve óbito em Limeira, por desabamento de um muro, e em Santo André, devido à queda da parede de um prédio. Na capital, o Parque do Ibirapuera ficou fechado no sábado.

Uma nota da organização da 35ª Bienal de São Paulo comunicou a suspensão das atividades, sem informar a previsão de retorno. Já na OCA, as visitas também foram canceladas e o público foi orientado a reagendar seus bilhetes.



TRAGÉDIA Seis pessoas morrem em São Paulo em decorrência das chuvas. Na capital paulista, rajadas chegaram a 103,7km/h. Milhões ficaram sem luz.

Ainda no sábado, estive no trend topics do X (antigo Twitter) o nome das principais empresas privadas que prestam o serviço no Estado. Nas redes sociais, vídeos que registraram árvores em queda, carros atingidos e fortes chuvas circularam com queixas e muita revolta gerada pela falta de agilidade das empresas em responder aos chamados.

O perfil do Deputado Estadual Simão Pedro denunciou que a empresa Enel, responsável pelo fornecimento da capital, "cortou os canais de relacionamento" e não comunicava "a previsão de retorno da energia".

"As questões das mudanças climáticas nos colocam grandes desafios", disse o prefeito Ricardo

Nunes, em coletiva de imprensa na sede da Enel, referindo-se ao acontecimento como excepcional.

Ele informou que foram 618 chamados na área de iluminação pública, sendo que 133 estão em aberto e 99 ainda com espera para início do atendimento. Neste momento, 1.470 profissionais trabalham no corte de árvores, antes eram 300. Dos 6,5 mil semáforos, 247 seguem apagados por falta de energia e 20 por falha no equipamento.

No sábado, Alexandre Silveira determinou a abertura de uma sala de situação para acompanhar o fornecimento de energia elétrica em São Paulo. "Desde o início do dia, o Ministério de Mi-

nas e Energia e a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) vêm trabalhando junto às concessionárias de distribuição de energia elétrica do estado, buscando identificar as situações de falta de fornecimento em decorrência das fortes chuvas de ontem."

Até o fechamento desta edição, a conta é de que 1,1 milhão de imóveis ficaram sem energia elétrica em São Paulo por mais de 48h. A lenta resposta da Enel, criticada e ironizada por moradores em redes sociais, fez ressurgir também as críticas à privatização da Sabesp, a maior empresa de saneamento do mundo, uma promessa de campanha do governador Tarcísio de Freitas. A votação sobre a privatização deve ocorrer ainda este ano na Assembleia Legislativa estadual (Alesp).

O deputado federal Guilherme Boulos, do PSOL de São Paulo, fez um comunicado em suas redes sociais informando irá solicitar à Agência Reguladora de Serviços Públicos do Estado de São Paulo (ARSESP) e à Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) uma "punição rigorosa" à Enel, concessionária privada de energia que atende São Paulo e 23 municípios da região metropolitana da capital paulista.

Enem em São Paulo

O Ministério de Minas e Energia (MME) criou uma sala de situação para acompanhar o fornecimento de energia elétrica no estado. Já no sábado, a pasta anunciou que o fornecimento de energia nos locais de realização do Enem seria garantido com geradores e ressaltou que já havia solicitado que todas as distribuidoras organizassem planos de contingência para a garantia do fornecimento de energia elétrica nas datas de realização do Enem 2023, buscando reforçar equipes de plantão e suspender atividades que pudessem comprometer ou colocar o atendimento em risco.

O risco de prejuízo aos estudantes e ao Inep foi grande. De acordo com Vincenzo Ruotolo, diretor de distribuição da Enel, das 308 escolas que receberiam o Exame, 84 tiveram algum problema de fornecimento de energia elétrica. Até a noite de sábado, 47 escolas ainda estavam sem energia, mas no domingo todas as escolas em São Paulo que estavam com problema de energia e que recebem o Enem tiveram o serviço restabelecido, informou o governo do estado.

O presidente Lula garantiu, no domingo, que todas as escolas do país participantes do Exame Na-

1,1 MILHÃO DE IMÓVEIS FICARAM SEM ENERGIA POR MAIS DE 48H. 84 ESCOLAS QUE RECEBERIAM O ENEM TIVERAM PROBLEMA COM FORNECIMENTO

cional do Ensino Médio (Enem) de 2023 realizariam, conforme planejado, as provas do primeiro dia, mesmo aquelas unidades que registraram falta de energia, afetadas pelas fortes chuvas. O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) afirmou que monitora a situação climática em todo o país, inclusive os impactos causados pelas fortes chuvas em São Paulo.

"Liguei para o ministro Alexan-

dre [Silveira, de Minas e Energia], ele está em São Paulo garantindo que 100% das escolas estão com os problemas de energia resolvidos. Portanto, as crianças e os nossos jovens vão ter a possibilidade de fazer a prova. Pode ser que em alguma cidade, por conta da chuva, no Paraná ou em Santa Catarina, tenha algum problema. Mas se tiver problema, esses meninos e meninas serão beneficiados na outra prova do Enem." De acordo com o Ministério da Educação (MEC), as novas datas serão 12 e 13 de dezembro.

O presidente deu a declaração no fim da manhã, durante visita à sala de situação na sede do Inep, em Brasília, cerca de uma hora antes do fechamento dos portões dos locais de aplicação das provas do Enem, marcado para as 13h, no horário de Brasília. Na sala de situação, são monitoradas as possíveis ocorrências durante a aplicação das provas.

Na visita ao Inep, o presidente Lula esteve acompanhado do ministro Camilo Santana; do presidente do Inep, Manuel Palácios; do ministro da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, Paulo Pimenta; e da primeira-dama, a socióloga Rosângela da Silva, a Janja.

Lula detalhou a articulação do governo federal desde que os problemas foram identificados: "Ontem, nós estávamos um pouco preocupados com a informação de que por volta de 400 escolas não poderiam ter o Enem por causa da chuva e da falta de energia, em algumas escolas. Eu conversei com o ministro de Minas e Energia, que conversou com o Camilo [Santana, ministro da Educação], que conversou com a Agência Nacional [de Energia Elétrica, Aneel]. Eles se comprometeram que, hoje, todas as escolas estariam prontas para fazer o Enem ou estariam prontas com energia consertada, ou aquela que não estivesse pronta, teria gerador."•

Com informações da Agência Brasil



DEMOCRATA Candidato peronista, Sergio Massa representa o campo popular nas eleições presidenciais do país vizinho

O FUTURO DA ARGENTINA

O segundo turno das eleições presidenciais mobiliza os dois candidatos que se enfrentarão em 19 de novembro. De centro-esquerda, Massa angaria apoios da maioria dos governadores, enquanto Javier Milei atrai Macri e Bulrich

As eleições presidenciais argentinas, que ocorrem no próximo dia 19 de novembro, define o futuro do país, mas também terá forte impacto nas relações com os democratas de todo o continente latino-americano. Ministro da Economia do governo de Alberto Fernández, o candidato peronista Sergio Massa representa o projeto de integração regional com justiça social e desenvolvimento que coloca a América do Sul de maneira soberana no concerto das nações. Isso é fundamental, num mundo cada vez mais complexo em que todos os dias a democracia e a paz

mundial estão em risco.

A eleição na Argentina é fundamental, porque está em risco não apenas o projeto de desenvolvimento com justiça social, como há riscos à democracia com o outro nome na disputa pela Casa Rosada. Há uma clara divisão no país, mas enquanto Massa, que saiu mais forte das urnas no primeiro turno, conquista apoios de setores progressistas na Argentina e nos países vizinhos – incluindo o presidente Luiz Inácio Lula da Silva –, o adversário da extrema-direita, Javier Milei recebe o apoio de Maurício Macri e Patrícia Bulrich, os nomes da direita tradicional no país do tango.

O esforço maior de Milei agora é edulcorar a sua imagem de cachorro louco e furioso – não é à toa que recebeu o apelido de “Bolsonaro da Argentina” – e passar a ser visto como um moderado. Uma tarefa difícil. Milei surgiu no cenário eleitoral rugindo contra a classe política, como um outsider que se opõe ao sistema político e econômico. Apresentava-se como um “libertário conservador”, uma figura ambígua que defende tanto o livre mercado quanto a proibição ao aborto e contra os direitos LGBTQI+. Agora, quer se exibir como um líder ponderado e domesticado, ladeado por políticos pró-mercado, como Macri.

Uma mudança radical. Milei costumava dizer: “É impossível fazer uma Argentina diferente com os mesmos de sempre”. Isso é referência direta a Maurício Macri, a quem chamava na campanha eleitoral de “repugnante”, “mediocre” e “covarde”. No final do mês passado, ele e Macri se encontraram para um jantar em que selaram o apoio do ex-presidente ao ‘loco’. “Com Milei, temos todas as incertezas. Não o conhecemos e ele nunca governou. A única coisa que posso dizer é que, nas duas vezes que o vi e nas oito ou nove vezes em que falamos, ele nunca mentiu para mim. Massa sempre mentiu para mim”, justificou Macri.

Na semana passada, foi a vez de Patrícia Bulrich. Ex-ministra da segurança no governo Macri, ela recebeu 24% dos votos no primeiro turno das eleições argentinas em outubro. Massa obteve 37% dos votos. E Milei, 30%. Mas não teve vergonha em aderir ao outsider da extrema-direita. “No caso de Javier Milei, temos diferenças, e é por isso que competimos. Nós não os ignoramos. No entanto, nos deparamos com o dilema da mudança ou da continuação de uma governança ao estilo da máfia para a Argentina e pondo fim à vergonha do presente. Temos a obrigação de não permanecer neutros”, declarou a candidata de centro.

Enquanto isso, Massa uniu o peronismo. As lutas internas no Partido Justicialista estão congeladas e as energias concentram-se numa única direção: ganhar as eleições e manter a Casa Rosada no caminho do progressismo latino-americano. Não é pouco. Isso parecia um objetivo impossível até alguns meses atrás. Massa é ministro da Economia de um país com 140% de inflação, economia estagnada e sem dólares para pagar a dívida com o Fundo Monetário Internacional. Ele procura convencer os argentinos de que é o melhor para

o país. No primeiro turno, saiu à frente na corrida presidencial. E está conquistando apoios.

Há duas semanas, o ministro da Economia liderou uma reunião de governadores para preparar a campanha eleitoral contra Milei. Estiveram presentes 18 dos 24 governadores: todos os peronistas e os de três partidos provinciais que jogarão a favor de Massa na eleição: a líder do Rio Negro, Arabela Carreras; e quem a substituirá a partir de 10 de dezembro, Alberto Weretilne-

SERGIO MASSA RECEBEU O APOIO DE 18 DOS 24 GOVERNADORES DAS PRINCIPAIS PROVÍNCIAS DA ARGENTINA E PODE UNIR O PAÍS

ck; o de Neuquén, Omar Gutiérrez; e o de Misiones, Óscar Herrera Aguad. Governador de Santa Fé, o peronista dissidente Omar Perotti, que estava na Arábia Saudita com o governador de Córdoba, Juan Schiaretti, também anunciou apoio por videochamada.

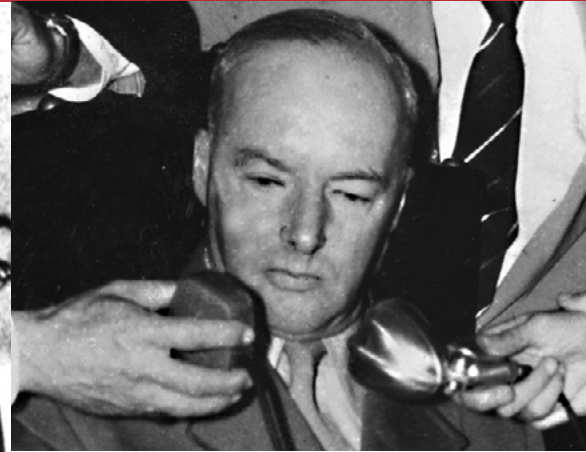
“A República Argentina enfrenta desafios de magnitude que só podem ser resolvidos por um líder político com experiência, capacidade e convicção para enfrentar as dificuldades. Um líder que soma, que une e constrói”, destacaram os governadores em comu-

nicado. Weretilnek foi o mais direto ao pedir o voto para Massa: “O país como o conhecemos está em risco com o outro candidato”.

Massa também reúne simpatias e coleciona apoios de líderes e partidos de países vizinhos. No domingo, 5, o PT tornou oficial seu apoio ao candidato peronista. “Derrotar a extrema-direita, que se articula em nível mundial, é tarefa essencial para a construção de um mundo de paz”, diz a nota da Executiva Nacional do Partido dos Trabalhadores. “Dois projetos de sociedade se enfrentam: um, representado pela candidatura presidencial de Sergio Massa, de perfil democrático e popular, com um programa de governo de desenvolvimento e justiça social; e outro, do candidato Javier Milei, representando a extrema-direita e o ultraneoliberalismo econômico do salve-se quem puder”.

No comunicado, o PT lembra o que está em risco. “Nós, brasileiros e brasileiras, conhecemos bem essa segunda alternativa de extrema-direita, que também governou nosso país no período anterior. Conhecemos toda a dor e o sofrimento que o descaso com a vida do povo significou para nosso país”. E aponta: “Não temos dúvida em apoiar a candidatura de Sergio Massa, da coalizão União pela Pátria, no nosso país irmão”.

Pouco antes do primeiro turno, o ex-presidente do Uruguai José Mujica se mostrou preocupado com a possibilidade de o candidato da extrema-direita ganhar as eleições na Argentina. E alertou: “Acho que (Milei) é perigoso. Inequivocamente, as medidas que defende, e em uma sociedade como a argentina, acima de tudo, vão gerar uma resistência brutal e isso vai significar repressão”. Para ficar claro: Milei defendia até duas semanas atrás o livre porte de armas como medida para reduzir o crime e a venda de órgãos humanos. •



10 de novembro de 1937

COMEÇA A DITADURA DO ESTADO NOVO

O regime democrático está extinto. A Constituição de 1934, revogada. A cavalaria cerca a Câmara dos Deputados e o Palácio do Senado para impedir a entrada de congressistas. Às 10 horas, Getúlio assina a nova Constituição, sendo seguido por todos os ministros, à exceção de Odilon Braga, que pede demissão. A nova Carta Magna concentra os poderes nas mãos do chefe do Executivo, extingue o sufrágio universal, aumenta a intervenção do Estado na economia e determina que os sindicatos devem se organizar segundo o modelo fascista.

O presidente Vargas leu um longo pronunciamento à nação, analisando a situação política e econômica do país. Fez duras críticas ao Congresso, à Constituição, aos políticos e à campanha presidencial em curso. Enu-

merou as normas reguladoras que estão paradas no Congresso, aguardando deliberação: “o Código do Ar, o Código das Águas, o Código das Minas, o Código Penal, o Código do Processo, os projetos da Justiça do Trabalho, da criação do Instituto do Mate e do Trigo”.

Com essa justificativa, anunciou a instauração do novo regime: “Para reajustar o organismo político às necessidades econômicas do país e garantir as medidas aprontadas, não se oferecia outra alternativa além da que foi tomada, instaurando-se um regime forte, de paz, de justiça e de trabalho. Quando os meios de governo não correspondem mais às condições de existência de um povo, não há outra solução senão mudá-los, estabelecendo outros moldes de ação”.

11 de novembro de 1955

LOTT ABORTA GOLPE E JK TOMA POSSE

Uma rápida intervenção do ministro da Guerra, general Henrique Teixeira Lott, interrompe um golpe em andamento que visava impedir a posse do presidente eleito, Juscelino Kubitschek (PSD), e do vice, João Goulart (PTB).

Desde o momento em que as urnas foram abertas, com a vitória de JK, a oposição deixou claro que estava disposta a qualquer coisa para impedir a coligação getulista PSD-PTB e especialmente João Goulart, herdeiro político de Getúlio, de voltar ao poder.

Carlos Lacerda, jornalista que se elegera deputado federal com grande votação pela UDN do Rio de Janeiro, foi quem deflagrou a campanha para impugnar a posse dos eleitos e impor ao país, com apoio das Forças Armadas, um governo de emergência, se possível de base parlamentarista, capaz de “reformular a democracia para livrar o Brasil de bandidos políticos”, como ele dizia.

Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Envie suas sugestões por e-mail para memoria@fpabramo.org.br memorialdademocracia.com.br

Iconographia

8 de novembro de 1960 TRABALHADORES FAZEM GREVE POR PARIDADE

Marítimos, portuários e ferroviários dão início a greve por equiparação dos vencimentos dos funcionários civis da União com os dos militares, que obtiveram reajustes não concedidos aos demais servidores federais. Essas categorias, representadas por 56 sindicatos, totalizam mais de 1,6 milhão de trabalhadores no país. Ficam interrompidas assim as atividades de portos, balsas de transporte interestaduais e estações de trem.

A paralisação fora decidida numa enorme assembleia realizada na antevéspera, no Teatro João Caetano, no Rio, depois de exaustivas reuniões nos dias 4 e 5. Em pouco mais de um dia de paralisação, cidades brasileiras como Rio de Janeiro e Osasco (SP) já se encontravam à beira de um colapso dos meios de transporte.

O presidente Juscelino Kubitschek logo declarou a ilegalidade da greve. O capitão Carlos Pinto, chefe da divisão de Polícia Política e Social, declarou que mais de 12 mil homens das polícias civil e militar entrariam de prontidão para “reprimir a greve de qualquer maneira”, antes mesmo de sua concretização. No dia 10, os dois lados do conflito acabariam cedendo.



Última Hora

9 de novembro de 1964

DITADURA JOGA A UNE E A UEEs NA ILEGALIDADE

A União Nacional dos Estudantes (UNE) e as entidades estudantis estaduais e municipais estiveram entre os primeiros alvos do golpe de abril de 1964. A sede da UNE na praia do Flamengo, no Rio, foi incendiada e seus dirigentes entraram na clandestinidade. A polícia política também perseguiu dirigentes das Uniões Estaduais de Estudantes (UEEs) e das uniões de secundaristas.

O novo ministro da Educação, Flávio Suplicy de Lacerda, propôs um projeto de lei para enquadrar a representação estudantil na nova ordem. Diretórios Acadêmicos, por curso, e Diretórios Centrais de Estudantes, por universidade, passariam a funcionar sob controle

oficial, restringindo-se a assuntos acadêmicos e assistenciais. Para suceder a UNE, a lei previa um Diretório Nacional dos Estudantes, que deveria se reunir em Brasília somente nas férias e sob controle direto do MEC.

A Lei 4.464 foi aprovada pelo Congresso e sancionada pelo general presidente Castelo Branco em 9 de novembro. Conhecida como Lei Suplicy, ela significou para o movimento estudantil a revogação do livre direito de organização e manifestação – medida que já tinha atingido os trabalhadores com o banimento do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) e a Lei Antigreve.



11 de novembro de 1965

PROTESTO LEVA 'OITO DO GLÓRIA' À PRISÃO

Intelectuais promovem uma manifestação contra a ditadura em frente ao Hotel Glória, no Rio de Janeiro. No local, realizava-se uma conferência da Organização dos Estados Americanos (OEA) com a presença do general presidente Castelo Branco.

Foram presos e levados ao quartel da Polícia do Exército Antônio Callado, Carlos Heitor Cony, Thiago de Mello, Jaime de Azevedo Rodrigues, Flávio Rangel, Glauber Rocha, Joaquim Pedro de Andrade e Mário Carneiro.



Reprodução

7 de novembro de 1978

POVO DE ALAGAMAR CONQUISTA TERRAS

Centenas de camponeses se concentram diante do palácio do governo da Paraíba durante visita do general presidente Ernesto Geisel a João Pessoa. Representavam 400 famílias de lavradores, ameaçadas de despejo das terras em que trabalhavam havia 30 anos na região conhecida como Grande Alagamar, no interior do estado. Impedidos de entrar no palácio, os camponeses conseguiram chamar a atenção do general presidente.

A organização dos cerca de 7 mil trabalhadores de Alagamar teve origem nas Ligas Camponesas, proibidas pelo Golpe de 1964. Eles trabalhavam pacificamente em 14 fazendas, pagando aforamento ao proprietário, que morrera em 1975. As fazendas foram vendidas a investidores que pretendiam plantar cana-de-açúcar e criar gado, expulsando os antigos moradores. A resistência contou com forte apoio do arcebispo de João Pessoa, dom José Maria Pires, conhecido como Dom Pelé, que mobilizou outros bispos do Nordeste, entre os quais o arcebispo de Olinda e Recife, dom Hélder Câmara.

O ato público pela desapropriação da área durante a visita do general a João Pessoa foi o ápice de três anos de luta, durante os quais camponeses e religiosos foram vítimas de violência por parte da Polícia Militar e de jagunços a serviço dos novos proprietários da terra. De volta a Brasília, no dia seguinte, Geisel decretou a desapropriação de 2 mil hectares, cerca de um décimo da área total, para o assentamento de 80 famílias.

A vitória parcial estimulou os posseiros e seus aliados a prosseguir na luta pela desapropriação total da área. Foram mais dois anos de conflito, com uso recorrente de violência contra os lavradores. Em janeiro de 1980, as terras cultivadas foram invadidas e pisoteadas pelo gado dos proprietários. Dom Pelé, dom Helder e outros bispos foram até a região para ajudar pessoalmente os camponeses na expulsão do gado e na retomada da terra. A repercussão do episódio forçou o governo da Paraíba a comprar toda a área de Alagamar e entregá-la formalmente às famílias dos lavradores.

9 de novembro de 1988

EXÉRCITO VOLTA A REPRIMIR GREVE NA CSN

Por determinação do governo federal, tropas do Exército, acompanhadas de um batalhão da Polícia Militar, invadem as instalações da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em Volta Redonda (RJ), ocupada há quatro dias por grevistas. Três operários são mortos e outros nove são gravemente feridos. A violência choca o país e tem forte repercussão política, inclusive sobre as eleições municipais da semana seguinte.

Dias antes, 18 mil operários de duas grandes empresas de Volta Redonda – a CSN e a FEM (Fábrica de Estruturas Metálicas) – haviam entrado em greve, reivindicando reposição salarial de 26,06% (percentual expurgado do cálculo da inflação pelas regras do Plano Bresser) e mais 17,68% da URP (Unidade de Referência de Preços, média trimestral da inflação usada para corrigir salários) de julho. As negociações fracassaram e os operários acabaram invadindo as instalações da CSN.

Os operários mortos foram Walmir Freitas Monteiro, 27 anos, e William Fernandes Leite, 22, atingidos por disparos de fuzil, e Carlos Augusto Barroso, 19, que teve seu crânio esmagado. No ano seguinte, o monumento erguido em homenagem aos operários mortos seria destruído por um atentado a bomba.



9 de novembro de 1988
**ALEMÃES DERRUBAM O
MURO DE BERLIM**



Na noite de 9 de novembro uma multidão começa a pôr abaixo o muro que durante 28 anos dividiu a cidade de Berlim. Ele havia sido levantado em decorrência da Guerra Fria, que também segmentou o mundo em dois blocos: o capitalista, liderado pelos EUA, e o socialista, dirigido pela antiga União Soviética (URSS). O Muro de Berlim era o maior símbolo da polarização geopolítica que resultou da Segunda Guerra Mundial.

O que restara da Alemanha nazista fora dividido em quatro áreas de ocupação a cargo da URSS, Estados Unidos, França e Reino

Unido. Essa divisão levou ao surgimento de dois países: a República Federal Alemã (RFA), ou ocidental, vinculada ao mundo capitalista, e a República Democrática Alemã (RDA), ou oriental, ligada ao bloco soviético. Berlim, embora encravada na zona de ocupação soviética, foi igualmente dividida em quatro áreas, gerando conflitos entre as potências na medida em que a Guerra Fria se acirrava. Em 1948, a URSS e o governo oriental chegaram a bloquear temporariamente toda Berlim.

O grande fluxo migratório de alemães orientais para a banda oci-

dental, a partir dos anos 1950, começou a ser reprimido pela RDA. Para conter a saída, o governo socialista projetou o muro em segredo. Sua construção foi iniciada em 13 de agosto de 1961, ao mesmo tempo em que as fronteiras entre os dois países eram militarmente ocupadas. O gradeamento metálico inicial deu origem a um muro de 66 quilômetros de extensão, com 302 torres de observação, 127 redes eletrificadas com alarme e 255 pistas de corrida para cães ferozes. A polícia da RDA tinha ordem de atirar em quem tentasse atravessá-lo fora dos postos de controle.

9 de novembro de 1995

CONGRESSO NACIONAL QUEBRA MONOPÓLIO ESTATAL DO PETRÓLEO

Após meses de debates e votações, o Congresso Nacional promulga a emenda constitucional nº 9/1995, que acaba com o monopólio estatal do petróleo. Até aquele momento, a União detinha o controle das áreas de pesquisa, extração, refino, importação e exportação do petróleo. A emenda abriu espaço para que outras empresas, brasileiras ou estrangeiras,

pudessem ter participação nesses setores. O domínio das reservas permanecia com a União.

As votações na Câmara e no Senado provocaram discussões em torno da questão do nacionalismo. Para os setores de oposição, a proposta presente na emenda prejudicaria os interesses da nação em favor das multinacionais, gerando instabilidade

nos empregos do setor, além de afetar economicamente a Petrobras e, por consequência, o país.

Mesmo com a promulgação da emenda, o fim do monopólio só pode ser estabelecido efetivamente em 1997, com a regulamentação da abertura do mercado pela Lei nº 9.478 e com a criação da Agência Nacional do Petróleo (ANP).

MORRE DANILO MIRANDA

Diretor do Sesc por quatro décadas e referência em gestão cultural, o sociólogo transformou a instituição em uma potência a partir de São Paulo, tendo iniciado seu trabalho em 1968

Daniilo Miranda, morto no último domingo, tornou-se uma das principais referências em gestão cultural à custa de muito trabalho duro à frente do Sesc. Diretor da instituição por quatro décadas, Miranda chegou a fazer uma reunião com os colaboradores mais próximos dias antes de ser internado no início de outubro. “Se não tivesse Danilo Miranda, não tinha teatro em São Paulo. Só teria musical”, afirmou o dramaturgo José Celso Martinez, o Zé Celso, em entrevista realizada em abril de 2023. Miranda foi padrinho de casamento de Zé Celso e Marcelo Drummond.

Sob a direção de Miranda, Sec adquiriu um protagonismo cultural relevante em todas as áreas e suas unidades viram pólos de espetáculos, exposições, shows, abrigando e ampliando também os serviços educativos, esportivos e de saúde que também estavam no escopo das atividades da instituição. Desde a década de 1980, as várias unidades na cidade e no interior do estado de São Paulo tornaram-se centros importantes de difusão cultural e artística e de convivência no espaço urbano.

O ex-seminarista e sociólogo começou a trabalhar no Sesc em 1968. Migrou para o Senac, outra entidade do chamado sistema S (conjunto de instituições de apoio ao trabalhador criado nos anos 1940 para promover acesso à formação profissional e acesso à

cultura e lazer). Passou a trabalhar como diretor regional do Sesc em 1984, quando o Sesc Pompéia, projeto arquitetônico de Lina Bo Bardi inaugurado dois anos antes, era um dos principais centros de cultura na cidade de São Paulo.

Apesar de não esconder sua predileção pelo teatro, Miranda abriu os Sescs a todas as manifestações artísticas. Em sua longa atuação como diretor do Sesc, abriu espaço também para os debates sobre a gestão cultural e auxiliou a criação de políticas públicas para o setor. Isso transformou o nome de Danilo Miranda sempre lembrado como ministro ou secretário da Cultura, ainda que ele nunca tenha recebido convite formal para o cargo.

Durante seus quase 40 anos de atuação, o Sesc dobrou de tamanho (só este ano, serão inauguradas mais 11 unidades na capital e no interior do estado de São Paulo) e criou uma alternativa de acesso à cultura situada entre os equipamentos públicos e a iniciativa privada com sua política de preços acessíveis, estímulo às atividades gratuitas e criação de um circuito, sobretudo para peças e shows, que conseguia atingir bairros com poucas opções de lazer.

A importância que o Sesc deu à cultura brasileira, inclusive na área da gastronomia (as “comedorias” dos Sescs passaram oferecer pratos inspirados na cozinha paulista de duas décadas para cá), no entanto, não foi impedimento

para que o Sesc atraísse artistas estrangeiros. Vieram ao Brasil a convite do Sesc grandes nomes da cultura mundial, como a artista iugoslava Marina Abramovic, a atriz francesa Isabelle Huppert e o filósofo francês Edgar Morin e músicos como o norte-americano Wynton Marsalis e a caboverdiana Cesária Évora.

Sua morte, aos 80 anos de causas não reveladas pela família, foi lamentada por diversas personalidades. “Meu coração está apertado, uma tristeza por vê-lo partir e perder seus olhos, seus ouvidos, sua inteligência, seu amor pelo teatro, pela dança, pela música, pelo sonho, pela emoção que apenas a arte é capaz de trazer de volta para nós”, disse a cantora Daniela Mercury.

A atriz e diretora Christiane Triccerri lamentou a morte do amigo: “Adeus, obrigada por tanto. Você nos recebeu, sempre, de braços abertos e fez de nossa São Paulo a cidade mais cultural e diversa desse país.” “Ainda em choque com a morte desse gigante gestor cultural que acompanhou minha carreira desde o primeiro álbum lançado. Danilo vai fazer muita falta, gente”, lamentou a cantora Teresa Cristina. “Se você aqui já assistiu a um show meu em qualquer uma das unidades do Sesc São Paulo, foi graças a esse imenso gestor, tido por muitos, inclusive, como um ministro interino da Cultura”, afirmou o cantor Geraldo Azevedo. •



ADEUS, QUERIDO AMIGO

Matthew Perry, o genial e hilariante ator que deu graça e leveza ao sitcom "Friends", é encontrado morto em Los Angeles. Ele tinha 54 anos e fez milhões de pessoas rirem por sua atuação como o sarcástico e afetado Chandler Bing

Um dos mais brilhantes atores da chamada geração X, Matthew Perry, que fez fama e fortuna nos anos 90 e 2000 encarnando o engraçado, sarcástico e divertido Chandler Bing na série "Friends" morreu na madrugada de domingo, 29, em sua casa em Los Angeles. Seu corpo foi encontrado por seu assistente em uma banheira. Ele aparentemente morreu afogado, mas a causa ainda não foi divulgada. Matthew tinha 54 anos. Se a série de TV fosse como a cena do rock'n'roll, "Friends" seriam os Beatles. Simplesmente geniais e brilhantes.

A última postagem de Perry no Instagram, em 23 de outubro, incluía uma fotografia dele sentado em uma piscina ou banheira de hidromassagem à noite, com as palavras: "Ah, então a água quente girando faz você se sentir bem? Eu sou Mattman". Perry era um ator brilhante e sua atuação em "Friends" o catapultou a um sucesso global sem precedentes, ao lado dos outros colegas com quem dividia a fama pela série sobre os amigos que viviam em uma Nova York ainda longe do trauma do 11 de setembro e do ódio visceral das redes sociais.

Os parceiros de "Friends", Courteney Cox, Jennifer Aniston,

Lisa Kudrow, Matt LeBlanc e David Schwimmer divulgaram nota de pesar. "Estamos todos totalmente arrasados com a perda de Matthew. Éramos mais do que apenas colegas de elenco. Somos uma família", diz o comunicado. "Há muito a dizer, mas agora vamos reservar um momento para lamentar e processar esta perda insondável. Com o tempo, diremos mais, como e quando pudermos. Nossos pensamentos e nosso amor estão com a família de Matty, seus amigos e todos que o amavam ao redor do mundo".

Co-criadores de "Friends", Marta Kauffman e David Crane, junto com o produtor executivo do pro-

grama, Kevin Bright, falaram sobre o choque que sentiram com a morte do ator canadense. Em comunicado, escreveram: "Ele sempre foi a pessoa mais engraçada da sala. Mais do que isso, ele era o mais doce, com um coração generoso e altruísta". E acrescentaram: "Este é realmente aquele em que nossos corações estão partidos".

Ex-colega de escola, o primeiro-ministro do Canadá Justin Trudeau lamentou a morte do amigo. "Nunca esquecerei as brincadeiras que costumávamos jogar no pátio da escola e sei que as pessoas ao redor do mundo nunca esquecerão a alegria que ele lhes trouxe", escreveu. "Obrigado por todas as risadas, Matthew. Você foi amado - e sua falta será sentida".

A cantora inglesa Adele, interrompeu seu show em Las Vegas para prestar uma emocionante homenagem a Perry. "Ele é provavelmente o melhor personagem cômico de todos os tempos", disse. "Ele foi tão aberto em sua luta contra o vício e a sobriedade, o que considero incrivelmente, incrivelmente corajoso".

A Warner Bros Television Group, que produziu todas as 10 temporadas de "Friends" de 1994 a 2004, prestou homenagem ao "nosso querido amigo" e "um ator incrivelmente talentoso". Diz o comunicado à imprensa: "O impacto de seu gênio cômico foi sentido em todo o mundo, e seu legado viverá no coração de muitas pessoas. Este é um dia comovente e enviamos nosso amor à sua família, aos seus entes queridos e a todos os seus fãs devotados".

Nascido em Massachusetts, nos EUA, Mathew Perry começou a carreira profissional como tenista juvenil aos 14 anos, sendo um dos melhores no ranking do Canadá, onde viveu. Ele passou a atuar depois de se mudar para

Los Angeles quando tinha 15 anos. Depois de pequenos papéis em "Growing Pains", "Beverly Hills 90210" e "Dream On, Perry" conseguiu ganhar uma personagem que definiria sua carreira: o sarcástico e neurótico Chandler Bing.

"Friends" foi uma comédia sobre seis amigos que iniciavam a vida adulta na cidade de Nova York. A série rapidamente ganhou grande popularidade nos Estados Unidos, tornando-se um fenômeno pop, que foi ganhando escala planetária, amealhando ano após ano vários Emmys – o Oscar da TV em língua inglesa –, alcançando recordes de audiência. Após 10 temporadas, o capítulo final em 2004 alcançou mais de 52 milhões de telespectadores nos EUA, tornando-se o episódio de TV mais assistido dos anos 2000.

Filho do ator americano John Bennett Perry e da jornalista canadense Suzanne Morrison, Perry cresceu no Canadá, onde sua mãe trabalhou como assessora de imprensa do primeiro-ministro Pierre Trudeau. Em seu livro de memórias, Perry se lembra de ter atuado depois que seu pai abandonou sua família para perseguir seus próprios sonhos de se tornar ator – incluindo intimidar o jovem Justin Trudeau. "Decidi encerrar minha discussão com ele quando foi colocado no comando de um exército inteiro", escreveu.

Quando adolescente, Perry mudou-se para Hollywood com a esperança de se reconectar com seu pai. Foi lá que ele começou a gostar de atuar e acabou sendo flagrado em uma lanchonete – "encantando um bando de jovens" – pelo diretor William Richert, que deixou um bilhete pedindo-lhe para participar de seu próximo filme, "Uma Noite na Vida de Jimmy Reardon" (1988), ao lado de River Phoenix.

Perry tinha 24 anos quando co-

meçou a encarnar Chandler. Ele disse que ao ler o roteiro, "foi como se alguém tivesse me seguido por um ano, roubando minhas piadas, copiando meus maneirismos, fotocopiando minha visão de vida cansada, mas espirituosa". Em uma entrevista de 2019, David Crane disse que o papel do curinga sardônico foi o mais difícil de escalar, com Craig Bierko, Jon Cryer e Jon Favreau também sendo considerados para viver Chandler.

A vida pessoal de Perry foi marcada pelo vício, a partir de 1997, quando ele se tornou adicto em analgésicos após um acidente de jet ski. Mais tarde, disse que não se lembrava de três anos de seu tempo em "Friends" e de ter gasto mais de US\$ 9 milhões em sua luta para permanecer sóbrio.

"Eu tomava 55 Vicodin por dia, pesava 58 kg, estava no "Friends" sendo assistido por 30 milhões de pessoas – e é por isso que não posso assistir ao programa, porque estava brutalmente magro", disse. Mais tarde, Perry admitiu que sofria de muita ansiedade "todas as noites" durante as filmagens do programa e disse que não sentiu nada quando o programa terminou.

Em 2019, ele foi colocado em coma de duas semanas quando seu cólon explodiu devido ao abuso de opiáceos. Ele passou por 14 cirurgias para reparar os danos. "Neste ponto da minha vida, palavras de gratidão brotam de mim porque eu deveria estar morto, mas de alguma forma não estou", escreveu, em seu livro de memórias, "Amigos, Amores e Aquela Coisa Terrível", lançado em 2022. O livro foi um sucesso entre leitores e críticos. Refletindo sobre seu desejo de ser uma celebridade, disse: "Você precisa ficar famoso para saber que essa não é a resposta. E ninguém que não seja famoso acreditará verdadeiramente nisso". •

O CANTO DO CISNE DOS BEATLES

‘Now and then’ é uma bela canção de Lennon, capaz de promover uma descarga emotiva às vésperas do aniversário de 43 anos de sua morte. E apesar dos muxoxos de alguns, ainda é melhor do que muito do pop produzido neste melancólico ano de guerras

Olímpio Cruz Neto

O derradeiro single dos Beatles, o canto do cisne que sela o baú de John Lennon, causou frisson nas redes sociais, levou a um recorde de compartilhamento e acesso à canção nas plataformas de streaming nos últimos dias – no YouTube, o clipe foi visto por 10 milhões nas primeiras 20 horas desde que foi ao ar, na sexta-feira, 3; enquanto o áudio foi ouvido por 6,4 milhões de pessoas nas primeiras 44 horas.

“Now and then” é sucesso. E é uma bela canção. Talvez mais bonita que “Free as a bird” e “Real love”, as duas faixas lançadas nos anos 1990 pelos três beatles sobreviventes no projeto “Anthology”. É difícil não se emocionar com a audição da balada de Lennon, o arranjo cativante e charmoso feito por Paul McCartney e Giles Martin.

E o videoclipe, dirigido e montado por Peter Jackson, é também emocionante, porque resgata imagens dos quatro ao longo da carreira, os bastidores da tentativa de gravação da faixa em 1994 e até cenas raras, combinando imagens de Paul e Ringo Starr feitas no ano passado ao lado de versões de Lennon e George Harrison em 1967, durante as gravações de “Magical Mystery Tour”.

A letra de Lennon também impacta, porque nos leva à triste constatação da ausência dos dois geniais amigos. “De vez em quando eu sinto sua falta / De vez em quando eu quero que você esteja lá para mim”. Também é comovente o solo de sli-

Reprodução



de tocado por Paul que evoca imediatamente George, na lembrança da linda “My Sweet Lord”. Ele toca somente os violões na faixa, junto com Paul. Impossível não se deixar envolver também pelo arranjo de cordas de Giles Martin, que deixaria seu pai, o velho George Martin, falecido em 2016, certamente orgulhoso.

A tecnologia resolveu muito bem os problemas com os vocais de Lennon, que não são nada parecidos com aquela relíquia fantasmagórica que flutuava em “Free As a Bird”. A voz de Lennon realmente soa clara, como se tivesse sido gravada hoje. E Paul deixa o velho parceiro brilhar, apenas emprestando a sua voz, muito baixa na mixagem, junto com Ringo, para o coro e os vocais de apoio. Quase dá para imaginar que são os Beatles realmente tocando juntos.

Devemos a Paul, o homem que oficialmente explodiu os Beatles ao anunciar sua saída da banda em 1970, o resgate da canção. Se dependesse de George Harrison, ela não seria lançada. Não é que o beat-

le quieto não a achasse boa – nunca saberemos – mas ele via a voz abafada de Lennon misturada ao piano um problema intransponível em 1994. O problema foi superado três décadas depois com IA. E Paul decidiu recuperá-la.

Fez o mesmo ao entregar todas as filmagens de “Let It Be”, o filme fracassado que assustou os fãs nos anos 1970, para que Peter Jackson pudesse recuperar a história do grupo que revolucionou a música pop e fez o século 20 nos encher de esperança. Paul McCartney conseguiu um feito e tanto. Encerrou de maneira emocionante e digna a história da mais criativa banda de rock de todos os tempos.

Na canção, Lennon entoava os versos com Paul: “Now and then / I miss you / Oh, now and then / I want you to be there for me”. Traduzindo: “Sinto sua falta e quero que você esteja lá para mim”. Mas foi Paul quem acrescentou: “sempre para voltar para mim”. •



BRASIL

200 anos de lutas e resistências do povo trabalhador

Everaldo de Oliveira Andrade (Org.)

Ângela Maria de Sousa Silva | Berenice Gomes da Silva
Carlos A. Ferreira Martins | Cynthia Soares Carneiro
Eduardo Silveira Netto Nunes | Fernanda Rodrigues Galve
Francisco das Chagas Pereira | Francisco Elias de Araújo
Jean Pierre Chauvin | João Maurício Gomes Neto | John Kennedy Ferreira
José Sergio Gabrielli de Azevedo | Kátia Cilene do Couto
Lyndon de Araújo Santos | Marcelo Sampaio Carneiro
Márcia Regina Barros da Silva | Raimunda N. Monteiro | Ronald Rocha
Vitor Eduardo Schincariol | Zeneide Pereira Cordeiro



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

HUCITEC
EDITORA

MADRID - 24, 25 e 26 DE NOVEMBRO DE 2023

VI EPTEX

ENCONTRO DE PETISTAS NO EXTERIOR



ORGANIZAÇÃO:



PARTIDO DOS TRABALHADORES

SECRETARIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS



PARTIDO DOS TRABALHADORES
NÚCLEO DE MADRID



Núcleo
Lisboa



FUNDAÇÃO

Perseu Abramo

Partido dos Trabalhadores



NÚCLEO DA
GALIZA

NÚCLEO
Comunidade
Valenciana

Madaba Br